CADERNOS SBPC



SBPC

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Diretoria 2003/2005
Presidente Ennio Candotti
Vice-Presidentes Carlos Vogt e Dora Fix Ventura
Secretário-Geral Regina Pekelmann Markus
Secretários Ana Maria Fernandes, Maria Célia Pires Costa e Tarcísio Haroldo Cavalcante Pequeno
1º Tesoureiro Aldo Malavasi
2º Tesoureiro Keti Tenenblat

Presidentes de Honra

Aziz Nacib Ab'Saber
Carolina M. Bori
Crodowaldo Pavan
Ennio Candotti
José Goldemberg
José Leite Lopes
Oscar Sala
Ricardo Ferreira
Sérgio Henrique Ferreira
Warwick Estevam Kerr

Conselho | Membros efetivos

Aziz Nacib Ab'Saber
Carolina M. Bori
Crodowaldo Pavan
Ennio Candotti
Glaci Zancan
José Goldemberg
Oscar Sala
Sérgio Henrique Ferreira
Warwick Estevam Kerr

Área A
Antonio Rafael da Silva (MA) (01/05)
Vera Maria Fonseca de Almeida e Val (AM) (01/05)
Lúcio Flávio de Faria Pinto (PA) (03/07)

Área B
Jailson Bittencourt de Andrade (BA) (01/05)
Sérgio Machado Rezende (PE) (01/05)
Gizélia Vieira dos Santos (BA) (03/07)
Lúcio Flávio de Sousa Moreira (RN) (03/07)

Área C
Ana Maria Bonetti (MG) (01/05)
Magda Maria B. de Almeida Neves (MG) (01/05)
Paulo Sérgio Lacerda Beirão (MG) (01/05)
João Cláudio Todorov (DF) (03/07)
Maria Stela Grossi Porto (DF) (03/07)

Área D
Marco Antonio Raupp (RJ) (01/05)
Reinaldo Guimarães (RJ) (01/05)
Alzira Alves de Abreu (RJ) (03/07)
Ildeu de Castro Moreira (RJ) (03/07)

Área F
Helga Winge (RS) (01/05)
José Vicente Tavares dos Santos (RS) (01/05)
Miguel Pedro Guerra (SC) (01/05)
Dante Augusto Couto Barone (RS) (03/07)

Área E
Amélia Império Hamburger (SP) (01/05)
Myriam Krasilchick (SP) (01/05)
Walter Colli (SP) (01/05)
Maria Clotilde Rossetti Ferreira (SP) (03/07)
Marilena de Souza Chauí (SP) (03/07)

Secretários Regionais e Seccionais | Mandato 2004/2006

Área A
Rosany Piccolotto Carvalho (AM)
Antonio José Silva Oliveira (MA)
Silene Maria Araújo de Lima (PA)

Área B
Caio Mário Castro de Castilho (BA)
Armênio Aguiar dos Santos (CE)
Telmo Silva de Araújo (PB)
Ivan Vieira de Melo (PE)
Joaquim Campelo Filho (PI)
Nelson Marques (RN)

Área C
Cesar Martins de Sá (DF)
Reginaldo Nassar Ferreira (GO)
Miramy Macedo (MT)
Robson Mendes Matos (MG)

Área D
José Geraldo Mill (ES)
Maria Lucia Maciel (RJ)

Área F
Marcos Cesar Danhoni Neves (PR)
Izaura Hiroko Kuwabara (Seccional de Curitiba)
Rita Maria Silvia Carnevale (RS)
Mário Steindel (SC)

Área E
Soraya Soubhi Smaili (SP)

MEMÓRIA
SBPC

CADERNOS SBPC



Fundação e Primeiros Movimentos 1948 • 1958

2004

para **Carolina Martuscelli Bori**, *In Memoriam*

Fundação e Primeiros Movimentos 1948 • 1958
Seleção de documentos do Arquivo Histórico da SBPC

Projeto Memória SBPC
Amélia Império Hamburger
Ennio Candotti
Luis Edmundo de Magalhães
Maria Amelia Mascarenhas Dantas
Patrícia Tavares de Freitas
Walkiria Costa Fucilli Chassot

Arquivo histórico, pesquisa e digitalização de imagens
Walkiria Costa Fucilli Chassot
Patrícia Tavares de Freitas

Projeto gráfico, tratamento de imagens e diagramação
Ana Videira

Fotolito e Gráfica
Artis Artes Gráficas

Introdução 6

Fundação e Estatutos
• Ata de fundação 8
• Seleção de registros do Livro de Sócios Fundadores 23

Ciência e Cultura
• Capa da primeira revista Ciência e Cultura 33
• Editorial revista Ciência e Cultura nº 1 34

Primeira Regional
•Notícia da criação da regional Curitiba 1949 37
•Ata da reunião para regulamentação da Regional de Curitiba 38

Reunião Anual
• Divulgação - *Ciência e Cultura*, jan/abril/1949 40
• Programa - *Ciência e Cultura*, out/1949 41
• Conferência de Eduardo Braun-Menéndez - *Ciência e Cultura*, jan/1950 42
• Noticiário sobre a primeira Reunião Anual - *Ciência e Cultura*, jan/1950 49

Assembléias Gerais
• SBPC – fundação, evolução e atividades. *Estatutos 1951* - Publicação nº3 52
• Abertura do Livro de Atas de reuniões de Conselho e Diretoria [jul/1951 à out/1969] 59
• Ata de apuração da eleição da Diretoria e parte do Conselho em 1955 60
• Ata da Posse da Diretoria para o biênio 1955-1957 61
• Registro em cartório das atas de apuração e de posse da Diretoria 62

Simpósio sobre a utilização da energia atômica para fins pacíficos no Brasil
• Noticiário *Ciência e Cultura*, 1956 64
• Transcrição datilografada 67

Dez anos pelo Progresso da ciência
• Maurício Rocha e Silva - *Ciência e Cultura*, jan/19583 77

A organização do arquivo histórico da SBPC, recém-iniciada, permitiu reunir nesta publicação uma mostra da documentação, acumulada na sede nacional, referente à década inicial da Sociedade. São documentos que evidenciam princípios da Instituição, discutidos desde a fundação e que persistem até hoje.

Esta coletânea de documentos inicia-se com a reprodução do original manuscrito da ***Ata de Fundação***, que contém o primeiro estatuto, de 8 de julho de 1948. Aspectos norteadores da SBPC, referendados por 111 assinaturas de importantes personagens da ciência e da história do país, estão registrados nesta Ata.

Na seqüência, selecionamos um representante de cada instituição envolvida com a criação da SBPC, entre os 269 registros de sócios fundadores, inscritos a 8 de novembro de 1948, no primeiro ***Livro de Sócios***. Uma observação interessada dessa amostragem permitirá notar sócios remidos, contribuintes, beneméritos, corporativos, estudantes; diversos locais de origem; diferentes ocupações, etc., que atestam características variadas na participação da comunidade desde a fundação.

Do número inaugural da ***Ciência e Cultura***, publicado em abril de 1949, destacamos o editorial, que expressa a importância da fundação da SBPC e os objetivos da Revista.

Para exemplificar o caráter nacional da SBPC selecionamos uma pequena ***notícia sobre a criação da regional de Curitiba*** para introduzir a ***Ata de discussão do regulamento da divisão regional de Curitiba da SBPC***, de abril de

1949. Este documento faz parte do livro de atas da primeira regional da SBPC, e é um dos únicos originais que temos das regionais. Encontrado na desocupa-ção de uma sala no setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, foi enviado para a sede nacional pela professora Eleidi A. C. Freire, em março de 1990.

O conjunto seguinte ressalta a Reunião Anual, maior evento da SBPC, realizado ininterruptamente, desde outubro de 1949. Recorremos à *Ciência e Cultura* para resgatar a ***Primeira Reunião Anual***, realizada em Campinas – SP. Do volume I da Revista reproduzimos dois artigos: um, noticiando o que seria a reunião; outro, mostrando um painel dos trabalhos inscritos e das atividades propostas para os quatro dias. Do volume II, destacamos a conferência inaugural, do professor Eduardo Braun-Menéndez, secretário da Associação Argentina para o Progresso da Ciência, sobre a ***Liberdade de Pesquisa***, naquele momento posterior à Segunda Guerra; e, um artigo analisando o evento.

A Assembléia Geral Extraordinária, realizada em 03 maio de 1950, alterou pela primeira vez os estatutos da Sociedade. Da publicação destes, em julho de 1951, extraímos a introdução ***SBPC – fundação, evolução e atividades***, que faz um balanço de seus anos iniciais.

A seguir, reproduzimos o manuscrito da ***Ata da Assembléia Geral***, de 26 de março de 1955, contendo a apuração dos 346 votos da eleição da Diretoria, para o biênio de 1955 a 1957, e renovação de parte do Conselho; da ***Ata da Posse da Diretoria***, em 26 de maio do mesmo ano – que tinha Anísio Teixeira como presidente - assinada pelos sócios que lá estavam, cientistas importantes, muitos dos quais com papel marcante na história da SBPC, e também, do ***registro em cartório***, efetuado em 15 de março de 1956.

A participação em questões apresentadas ao debate nacional é característica da SBPC, explícita nos estatutos. Como exemplo dessa prática, colocamos o noticiário da *Ciência e Cultura* de 1956 referente ao ***Simpósio sobre a utilização da energia atômica para fins pacíficos no Brasil***, realizado entre 25 e 27 de abril de 1956, na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro, promovido pela SBPC a partir das questões propostas pela Conferência de Genebra para utilização da energia atômica para fins pacíficos e pelos acordos assinados pelo Brasil nesse campo. Ilustramos com algumas páginas da transcrição original do evento, recebida recentemente pelo projeto memória. Selecionamos os índices de cada uma das três sessões, mostrando os participantes e, partes do original datilografado com correções manuscritas.



Concluí-se esta mostra documental com palestra do professor Mauricio Rocha e Silva, ***Dez Anos pelo Progresso da Ciência***, publicada na *Ciência e Cultura* de 1958. Traça um painel de uma década da história da SBPC, seus eventos e publicações, e a importância de suas contribuições para o desenvolvimento da ciência no Brasil.

Ao iniciar o trabalho de reunião da documentação existente na sede da SBPC em São Paulo, encontramos numa fresta de estante, um pedaço de tecido amarfanhado. Ao estendê-lo vimos, com agradável surpresa, tratar-se de ***flâmula comemorativa*** da primeira década de existência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. O projeto memória espera que, de todas as regionais e dos arquivos pessoais dos associados, outros achados sejam enviados e possam ser reunidos no Arquivo Histórico da SBPC para preservarmos sua trajetória e, com ela, parte da história da ciência no Brasil.

Projeto Memória SBPC
Outubro | 2004

Ata da fundação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Aos oito de julho de mil novecentos e quarenta e oito, na séde da Associação Paulista de Medicina, reuniram-se, por convocação dos doutores Paulo Sawaya, José Reis e Maurício Rocha e Silva, as pessôas que esta assinam, para o fim de discutir o projeto de estatutos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, cuja fundação fôra acordada em reunião preliminar realizada a oito de junho deste ano, no mesmo local. Submetido a discussão o projeto de Estatuto elaborado por uma comissão constante dos doutores Jorge Americano, J. Francisco Maffei, J. Ribeiro do Vale, J. Reis e M. Rocha e Silva, foi de amplamente discutido, tendo sido apresentadas emendas pelos senhores Gastão Rosenfeld, Silvio Greco, Jaime Honig, Paulo Henrique Meinberg, Roberto Pasqualini, Raul de Morais, Moisés Kuhlmann, Karl Silberschmidt, Eichbaum, Souza Neto, Eugenia N. Andrade, Agesilau Bittencourt, Jorge Americano, J. Reis, F. Ravitschee, C. Mingoia, Jesuino Maciel, J. F. Toledo e Paulo Roberto de Paula e Silva. Devidamente apreciadas e discutidas as emendas, aceitas umas e rejeitadas outras, resultou aprovado o texto que a seguir vai transcrito, e que passa a ser o Estatuto da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: "Capítulo I - Da Sociedade, seus fins e objetivos - Artigo 1º - Sob a denominação de Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), fica fundada uma sociedade civil que se regerá pelos presentes Estatutos, nos

têrmos da legislação em vigor. Parágrafo único - A SBPC tem fins científicos e educativos, sem fito de lucro, nem côr política ou religiosa. Artigo 2º - A SBPC tem sede e fôro na cidade de São Paulo e será representada em juízo ou fora dêle pelo seu Presidente. Artigo 3º - A SBPC tem por objetivos: a) Apoiar e estimular o trabalho científico. b) Melhor articular a ciência com os problemas de interêsse geral, relativos à indústria, à agricultura, à medicina, à economia etc. c) Facilitar a cooperação entre os cientistas. d) Aumentar a compreensão do público em relação à ciência. e) Zelar pela manutenção de elevados padrões de ética entre os cientistas. f) Mobilizar os cientistas para o trabalho sistemático de seleção e aperfeiçoamento de novas vocações científicas, inclusive por meio de ensino post-graduado, extra-universitário etc. g) Defender os interêsses dos cientistas, tendo em vista a obtenção do reconhecimento de seu trabalho, do respeito pela sua pessôa, de sua liberdade de pesquisa, do direito aos meios necessários à realização do seu trabalho, bem como do respeito pelo patrimônio moral e científico representado por seu acêrvo de realizações e seus projetos de pesquisa. h) Bate-se pela remoção de impecilhos e incompreensões que entravem o progresso da ciência. i) Articular-se ou filiar-se a associações ou agremiações que visem objetivos paralelos, como a Unesco, a Federação Mundial de Trabalhadores Científicos, a Organização Mundial de Saúde e outras. j) Representar aos poderes públicos ou entidades particulares sôbre medidas referentes aos ob-

jetivos da Sociedade. k) Outros objetivos que não colidam com os presentes Estatutos. Artigo 4º - A SBPC poderá realizar os fins mencionados no artigo 3º mediante: a) Conferências periódicas e demonstrações outras, destinadas a familiarizar o público com o trabalho científico realizado no país e no estrangeiro, sempre porém sôbre base de experiência pessoal no assunto, e visando, o conjunto das conferencias, a abrir o maior campo possível da ciência. b) Comemorações dos grandes feitos da ciência, revelando a vida e a obra dos grandes pesquisadores, assim como a repercussão de suas descobertas no progresso da humanidade. c) Patrocínio e, quando possível, realização de obras científicas. d) Administração de legados ou doações que objetivem proteger e estimular a ciência, para isso cooperando também com outros órgãos de idêntica finalidade. e) Realização de um cadastro dos cientistas nacionais com suas atividades e movimentação e, quando possível, publicação de índices dêsse pessoal, de seus currículos e realizações. f) Crítica e análise de atos públicos ou privados que interessem à ciência, aos cientistas e aos institutos de pesquisa, tomando em cada caso as medidas indicadas para maior prestígio dêles. g) Publicação de revista adequada aos fins da sociedade. h) Realização de inquéritos regionais ou locais pelos membros da Sociedade, tanto no interêsse cultural ou econômico das localidades estudadas quanto no da própria Sociedade, para isso elaborando relatórios dos estudos feitos. i) Realização anual

de reunião conjunta de todas as divisões em local préviamente escolhido. Capítulo II Dos sócios, sua admissão e seus deveres Artigo 5º - Serão sócios, nas categorias abaixo indicadas, quaisquer pessôas idôneas que se interessem pelo progresso da Ciência: a) Sócios Honorários, os que a Sociedade eleger. b) Sócios Beneméritos, os que fizerem doações ou contribuições valiosas à Sociedade, a juizo do Conselho. c) Sócios Remidos, os que contribuirem, de uma só vez, com dez parcelas iguais às da anuidade dos contribuintes. d) Sócios Contribuintes, os que pagarem a anuidade básica, estabelecida em Assembléia Geral ordinária. e) Sócio Corporativo qualquer pessôa jurídica que pagar a anuidade estabelecida em Assembléia Geral ordinária. f) Sócios Fundadores, os remidos, contribuintes ou corporativos que assinarem a ata de fundação. g) Sócios Assinantes, os pertencentes ao corpo discente de escolas superiores e que pagarem metade da anuidade estabelecida para os, digo, os que pagarem metade da anuidade estabelecida para os contribuintes. h) Sócios Estudantes, os pertencentes ao corpo discente de escolas superiores e que pagarem metade da anuidade estabelecida para os assinantes, sendo de vinte e cinco anos a idade máxima para a admissão de sócio na categoria desta alínea. i) Sócios Correspondentes, os estrangeiros ou brasileiros residentes permanentemente no estrangeiro, e que forem eleitos pela Sociedade. Parágrafo único - Os sócios de que tratam as alíneas "a" e "i" serão propostos pelo Conselho e eleitos pela Sociedade. Artigo 6º - Cada sócio, excetuados os casos pre-

vistos no parágrafo única do artigo anterior, será admitido por indicação de pelo menos três sócios mediante parecer da Comissão de Sindicância e aprovação da directoria. Parágrafo única - Os sócios eliminados pela alínea "a" do artigo 9º poderão ser readmitidos a critério da Directoria. Artigo 7º - São direitos dos sócios: a) Receber gratuitamente as publicações oficiais da Sociedade. b) Frequentar as Assembléias Gerais e as reuniões, inclusive as especializadas, e tomar parte nas discussões. c) Votar, com excepção dos sócios de que tratam as alíneas "g" e "h" do artigo 5º. d) Gozar das demais vantagens que lhe forem atribuídas pela Sociedade. Artigo 8º - São deveres dos sócios: a) Pagar as contribuições previstas na forma do artigo 5º. b) Acatar e prestigiar os atos e decisões dos órgãos da Sociedade. Artigo 9º - Serão eliminados os sócios que: a) deixarem de pagar as anuidades. b) Agirem de modo prejudicial aos fins da Sociedade. c) Procederem com manifesta inconduta. Capitulo III - Da Directoria, do Conselho e da Assembléia Geral - Artigo 10º - São órgãos da Sociedade: a) a Directoria; b) o Conselho; e c) a Assembléia Geral. Artigo 11º - A Directoria compor-se-á de: um Presidente, um Vice-Presidente, um Tesoureiro e um Secretário Geral, auxiliado por um Secretário, todos eleitos trienalmente pelos sócios, por processo estabelecido no artigo 20, parágrafo segundo. Artigo 12º - Incumbe à Directoria: a) Fazer executar as deliberações da Assembléia Geral e do Conselho. b) Elaborar o orçamento anual e propô-lo ao Conselho, até a data por êste fixada. c) No-

mear e demitir funcionários. d) Apresentar ao Conselho relatórios e contas, devidamente verificados por contador ou firma idônea. e) Convocar extraordinàriamente o Conselho e a Assembléia Geral. f) Deliberar sôbre abertura de contas correntes em bancos. g) Designar substitutos para os impedimentos ou vagas nela ocorridas, por prazo não excedente de três mêses. h) Apurar as eleições, admitida a fiscalização de qualquer sócio. i) Fixar a data para a reunião anual do Conselho e da Assembléia Geral. j) Deliberar sôbre admissão e eliminação de sócios Artigo 13º - Incumbe ao Presidente: a) Representar a Sociedade em juizo e fora dêle. b) Presidir as reuniões da Diretoria, do Conselho e da Assembléia Geral. c) Aprovar os programas culturais e sociais elaborados pelo Vice-Presidente. Artigo 14º - Ao Vice-Presidente incumbe substituir o Presidente em seus impedimentos e elaborar, propor ao Presidente e com êste executar os programas sociais e culturais da Sociedade. Artigo 15º - Incumbe ao Tesoureiro: a) Administrar o patrimônio da Sociedade. b) Organizar os balanços e as contas a serem apresentadas pela Diretoria ao Conselho. c) Assinar cheques e obrigações juntamente com o Presidente. Artigo 16º - Ao Secretário Geral, auxiliado pelo Secretário, incumbe secretariar as reuniões da Diretoria, do Conselho e da Assembléia Geral e administrar a Secretaria da Sociedade. Artigo 17º - O Conselho, eleito trienalmente, será presidido pelo Presidente da Diretoria e compor-se-á: a) de tantos membros quantos forem os múltiplos inteiros de cinqüenta sócios, num mínimo

de doze membros, eleitos pela Assembléia, de acôrdo com o artigo vinte, parágrafo segundo; b) dos antigos Presidentes da Sociedade e dos membros da Diretoria atual, êstes sem direito a voto quando se tratar de deliberar sôbre os atos da mesma Diretoria. Parágrafo único - O Conselho reunir-se-á obrigatòriamente uma vez por ano e, extraordinàriamente, quando convocado pela Diretoria ou por um número mínimo de um terço dos seus membros. Artigo 18º - Incumbe ao Conselho: a) Regulamentar e pôr em execução as deliberações da Assembléia Geral. b) Dar conhecimento aos sócios dos nomes dos candidatos a cargos da Diretoria e do Conselho. c) Deliberar sôbre a formação de Divisões regionais e aprovar os regulamentos elaborados por essas Divisões. d) Organizar as Secções especializadas e aprovar os seus regulamentos, bem como nomear o Presidente e Vice-Presidente de cada uma. e) Deliberar sôbre as publicações da Sociedade. f) Deliberar sôbre os casos que lhe forem propostos pela Diretoria. g) Deliberar sôbre os casos omissos. h) Designar substitutos para os cargos vacantes da Diretoria até o fim do mandato. i) Preencher as preciprias vagas até o fim do mandato. j) Nomear as Comissões mencionadas no artigo vinte e quatro, parágrafo segundo. l) Opinar sôbre o relatório e contas apresentadas pela Diretoria, encaminhando-os à Assembléia Geral. m) Propor à Assembléia Geral os candidatos a sócios honorários e correspondentes e deliberar sôbre os benemèritos. Artigo 19º - A Assembléia Geral

título de Presidente Honorário a pessôas de notável saber que hajam prestado relevantes serviços à causa da Ciência. Artigo 26º - Os sócios não serão responsáveis pelas dívidas da Sociedade. Capítulo V - Dos fundos e patrimônio da Sociedade - Artigo 27º - O patrimônio da Sociedade será formado pelas contribuições previstas nestes Estatutos, bem como pos doações. Parágrafo único - Os saldos que se verificarem anualmente poderão ser levados a um fundo de reserva, cuja aplicação será resolvida pela Assembléia Geral. Capítulo VI - Da extinção da Sociedade - Artigo 28º - A Sociedade poderá ser extinta em qualquer tempo, por deliberação da maioria dos sócios presentes à Assembléia Geral convocada para êste fim. Parágrafo único - Em caso de dissolução da Sociedade, a Assembléia dará, pelo voto da maioria dos sócios presentes, ao patrimônio social e fundos de reserva, o destino que melhor convier, de acôrdo com os objetivos para que foi fundada a Sociedade. Capítulo VII - Da modificação dêstes Estatutos - Artigo 29º - Os presentes Estatutos poderão ser modificados a qualquer tempo desde que assim o julgue necessário a Assembléia Geral, por maioria absoluta em primeira convocação. Capítulo VIII - Das disposições transitórias - Artigo 30º - Serão considerados sócios fundadores os que se inscreverem e pagarem a anuidade até a reunião da primeira Assembléia Geral ordinária, quando será assinada a ata de Fundação da Sociedade. Artigo 31º - Para efeito do disposto no artigo anterior, a anuidade dos sócios contribuintes será de duzentos

cruzeiros e a dos sócios coporativos de dois mil cruzeiros. Parágrafo único - Fica estabelecida uma quota de fundação, a critério de cada sócio, de subscrição não obrigatória, para o fim de atender às necessidades financeiras iniciais da Sociedade." Encerrada a discussão do projeto de Estatuto, foi pelo doutor Paulo Sawaya, que presidiu a reunião, declarada fundada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, com apoio de todos os presentes. Afim de conduzir os destinos da Sociedade até a primeira reunião da Assembléia Geral, prevista no artigo trinta do Estatuto aprovado, foi eleita por aclamação uma comissão executiva provisória constante dos senhores Jorge Americano, H. da Rocha Lima, J. F. Maffei, Max de Barros Erhart, O. G. Bier, Paulo Sawaya, A. Carvalho da Silva, H. Hauptmann, Gastão Rosenfeld, J. Reis, M. Rocha e Silva, Adriano Marchini, E. A. Krug, Luiz Cintra do Prado e J. Ribeiro do Vale, havendo-se deliberado que essa comissão iniciasse prontamente as atividades culturais da Sociedade, e marcando-se para o dia vinte e sete do mesmo mês a primeira conferência pública patrocinada pela Sociedade, em reunião conjunta com o Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina, subordinada ao título "Vicissitudes da Vida Científica". Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão, tendo eu, José Reis, lavrado a presente ata, que vai assinada por todos os presentes.

José Reis

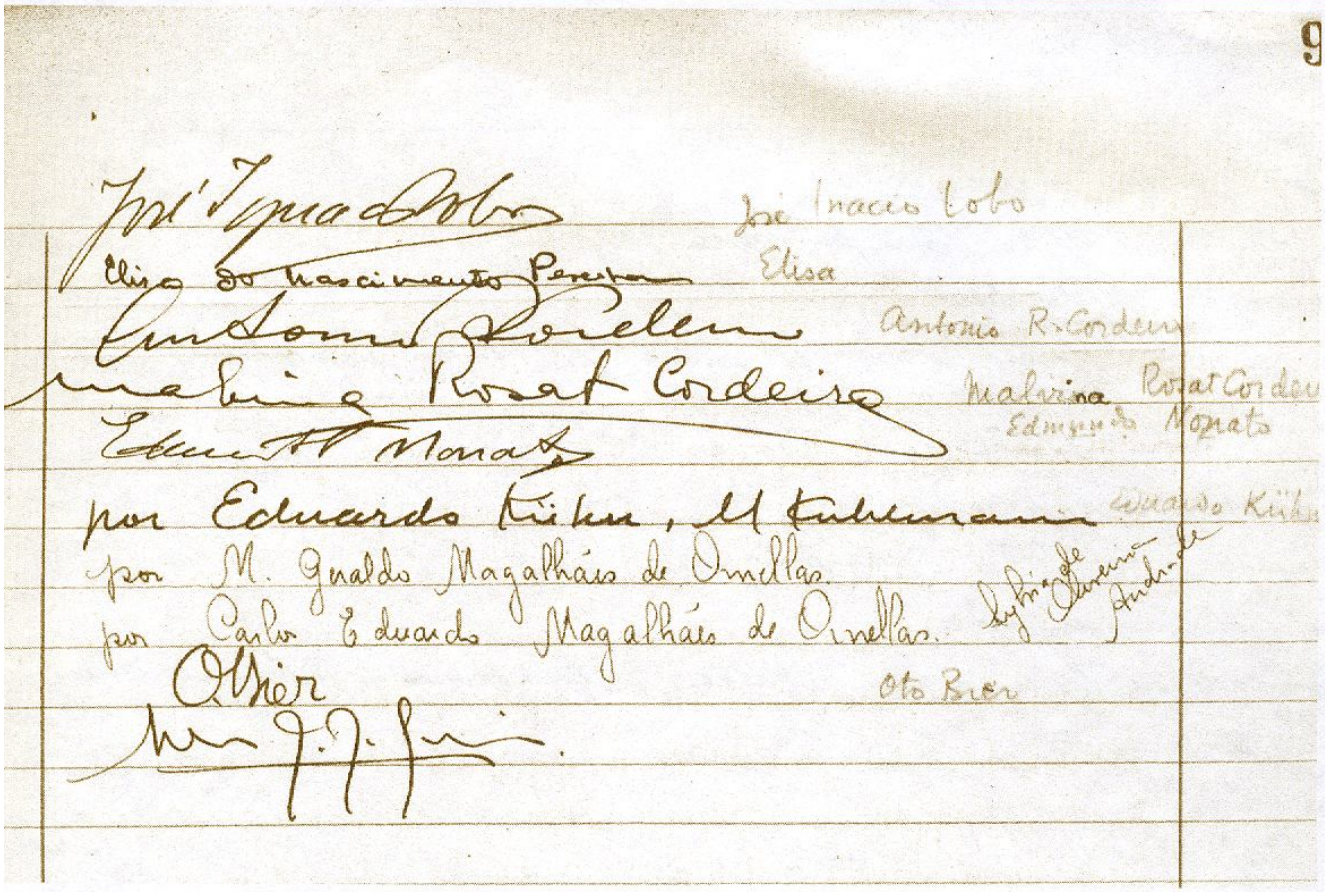
Jaime Aroeira

Nelson Planet

+ H. da Rocha Lima	H. da Rocha Lima
+ André Dreyfus	André Dreyfus
+ Jorge Guerreiro	Jorge Guerreiro
A. M. Penha	A. M. Penha
Mario d'Ayres	Mario d'Ayres
Oliveira Pinto	M. de Oliveira Pinto
+ Paulo Emilio Galvão	Paulo Emilio Galvão
A Hoffmann	A Hoffmann
+ Laura Pacheco Ferreira	Laura Pacheco Ferreira
Constantino Penafiel	Constantino Penafiel
Max de Barros Erhart	Max de Barros Erhart
Nicolau Avallone	Nicolau Avallone
Naief Assis	Naief Assis
Paulo Saraiva	Paulo Saraiva
Raphael de Lima Filho	Raphael de Lima Filho
Attilio Delante Flori	Attilio Delante Flori
+ F. J. Maffei	Francisco J. Maffei
Paulo Nobrega	Paulo Nobrega
Orlando Gaivoza	Orlando Gaivoza
Luiz Cintra do Prado	Luiz Cintra do Prado
Fausto W. Lima	Fausto W. de Lima
José Lima Pedreira de Freitas	José Maria Pedreira de Freitas
Georges Arié	Georges Arié
Raul Briquet	Raul Briquet
Orlando Pasqualini	Orlando Pasqualini
Paulo Rath de Souza	Paulo Rath de Souza
J. Vallejo	J. Vallejo
Eugen Stutz-Brun	32 Todos Estos
Dan Eston, por procuração Todos Estos	Dan Eston por
Helio de Caires, por procuração Todos Estos	Helio de Caires por Todos Estos
Veronica Rapp de Eston.	36 "

X Furlanetto	Reynaldo S. Furlanetto.
José Jerônimo Macedo	José Jerônimo Macedo ?
Carmelo Juliani	Carmelo Juliani.
Sebastião Eugenio de Camargo	Sebastº Eugenio de Camargo.
Dionysio de Kibolcritsky	Dionysio de Kibolcritsky.
Rodolpho N. Guimarães	Rodolpho N. Guimarães.
Frederico Lane.	Frederico Lane.
Messias Carrera.	Messias Carrera.
Ariza Azevedo Aguiar	Ariza Azevedo Aguiar.
Ana Galvão Bueno	Ana Galvão Bueno.
Celia M. Silva	Celia M. Silva.
J. F. Toledo	Joaquina F. Toledo.
Raul Franco de Mello	Raul Franco de Mello.
Moacyr de Freitas Amorim	Moacir Freitas Amorim
F. H. Eichbaum	F. Eichbaum.
Sylvia de Oliveira Andrade.	Sylvia.
Rachel Mello Teixeira	Rachel Mello Teixeira.
R. L. Araujo.	Renato L. Araujo.
Oswaldo Handro	Oswaldo Handro.
W. T. Beraldo	Wilson T. Beraldo.
por Mauro Pereira Barreto, W. T. Beraldo	Mauro Pereira Barreto
por Orlando J. Aidar, W. T. Beraldo	Orlando Aidar.
Moysés Kuhlmann.	Moysés Kuhlmann.
Newton Freire Maia	Newton Freire-maia.
Theodureto de Camargo	Theodureto de Camargo.
Murillo Cabral Porto.	Murillo Cabral Porto.
Helio F. de Almeida Camargo	Helio F. de Almeida Camargo
Eline S. Prado	Eline S. Prado.
Domingos Peres O Dias	Domingos Peres O Dias.
Eugenio Morais Andrade	Eugenio Morais Andrade.
Raul de Moraes	Raul de Moraes.
F. Ottensoser	F. Ottensoser.

J. Leal Prado — J. Leal Prado.
pelo Dr. Manias P. Porto — J. Leal Prado. Anania Porto.
Afranio do Amaral. — Afranio do Amaral.
J. Lopes de Faria. — J. Lopes de Faria.
+ Ewaldo E. Trapp. — Ewaldo E. Trapp.
pela Cia. Farm. Bores. Vicente Amato Sobr. S/A : Dr. Klaus Weiss — Klaus Weissen
Klaus Weisser. — Klaus Weiser.
Heinrich Hauptmann — Heinrich Hauptmann.
por Demostenes Orsini, W. T. Benedito — Demostenes Orsini.
Waldemiro de Almeida — Waldemiro Ferreira de Almeida.
José Ribeiro do Valle — José Ribeiro do Valle.
Rui Miller de Paiva — Rui Miller de Paiva.
Carlos Arnaldo Krug — Carlos Arnaldo Krug.
Daray M. Silva — Daray M Silva.
Victor Chipiakoff — Victor Chipiakoff.
Linda Nahas — Linda Nahas.
Alberto Carvalho da Silva — Alberto Carvalho da Silva.
Abrahão Rothberg — Abrahão Rothberg.
Sandra Planet Amaral — Sandra Planet Amaral.
+ Paulo Lucas Salvão — Paulo Lucas Salvão
Plinio de Toledo Piza — Plinio de Toledo Piza.
Eduardo Navajas — Eduardo Navajas.
Gastão Rosenfeld — Gastão Rosenfeld.
A. Marcondes Silva — A. Marcondes Silva.
Quintino Mingoia — Quintino Mingoia.
H. Sampaio Corrêa — H. Sampaio Corrêa.
José Pedro Leite Cordeiro — José Pedro Leite Cordeiro.
Marcos Antonio — Marcos Antonio.
Manoel Munhoz — Manoel Munhoz.
Nancy Nogueira — Nancy Nogueira.
Helena Mirian — Helena Mirian.
Mauricio Rocha e Silva — Mauricio Rocha e Silva.
Luiz R. do Valle — Luiz R. do Valle.



Sócios Fundadores

Estão definidos, no Estatuto de 1948, como *"os remidos,contribuintes ou corporativos que assinarem a ata de fundação"*. No livro de sócios há 269 registros de sócios fundadores, que participaram da primeira Assembléia Geral da SBPC, realizada na Biblioteca Municipal de São Paulo, em oito de novembro de 1948.

Arina Azevedo Aguiar (1c

Admissão: 8/11/48 - Socia fundadora

Tecnica

Laborterapica S.A. C.P. 2240 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

endereço: Largo Ana Rosa, 63 - Capital - S. Paulo conf. 6/2/62

Dr. Orlando Jorge Aidar 2c

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Anatomia

Faculdade de Medicina - Dep. de Anatomia Av. Dr. Arnaldo - S Paulo - Capital

Socio contribuinte

Grof. Jorge Americano 8R
Admissão : 8/11/48 - Socio fundador
Advogado - Grofessor
R. 15 de Novembro, 200 - 16º andar - S. Paulo - Capital
Socio remido

Grof. Santiago Americano Freire 9C
Admissão : 8/11/48 - Socio fundador
Grofessor universitario
Faculdade de Medicina - C.P. 340 - Belo Horizonte - Minas Gerais
Socio contribuinte

Grof. Fernando de Azevedo 23C
Admissão : 8/11/48 - Socio fundador
Grofessor
Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras - S. Paulo - Capital
Socio contribuinte

Pedro de Azevedo X 24C
Admissão : 8/11/48 - Socio fundador
Biologia
Secretaria da Agricultura - Dep. de Produção Animal - Av. Água Branca, 4
S. Paulo - Capital
Socio contribuinte

Metry Bacila X 25C
Admissão : 8/11/48 - Socio fundador
Bioquímica
Faculdade de Medicina - Curitiba - Paraná
Socio contribuinte

Dr. Max de Barros Erhart 27C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Professor de anatomia

Faculdade de Medicina Veterinaria - R. Dias da Rocha, 159 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

José Benaim X 28C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

x { Sub-gerente - Química
Laboratorio Serca Ltda. - R. Albuquerque Lins, 1279 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Francisco Berti X 31C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Químico

Instituto Butantan - C.P. 65 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Resid. Rua São Benedito 634 - Santo Amaro

NF.

Dr. Otto Guilherme Bier X 32C

Admissão: 8/11/48 - socio fundador

Bacteriologia

Instituto Biológico C.P. 119A - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

R. Al. Fernão Jordão 317 - ap. 61

Major Benedito Bruno da Silva 39C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Veterinario

Rhodia Brasileira - Departamento de Especialidade - Sto. André - S. Paulo

Socio contribuinte

Dr. Sebastião Eugenio de Camargo 42C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Professor de Anatomia da Escola de Belas Artes - Médico operador.

R. Libero Badaró, 641 - 2º andar

Socio contribuinte

Dr. Mario Sergio Cardim 44C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Professor, Jornalista e Advogado

Escola de Sociologia e Política - Largo S. Francisco, 19. S. Paulo - Cap

Socio contribuinte

Cia. Farmaceutica Brasileira Vicente Amato Sobrinho S.A. 39 Co

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Praça da Liberdade, 91 . S. Paulo - capital

Socio corporativo

Dr. Carlo Foá 76C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Professor universitário

Faculdade "Sedes Sapientiae" - R. Paranaguá, 111 . S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Dr. Flavio Oliveira Ribeiro da Fonseca 77C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Médico

Serviço de Profilaxia da Malária - Av. Brigadeiro Luis Antonio, 487 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

92C

Dr. Fernando Gayotto

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Médico - Pediatria

Hospital das Clínicas - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

93C

Prof. Rail Gebara

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Professor

Instituto de Educação "Caetano de Campos" - Pça da República -
S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

95C

Dr. Clovis Ludolf. Gomes

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Médico

Instituto de Higiene - C. P. 26 - Belo Horizonte - Minas Gerais

Socio contribuinte

105C

Alphonse Richard Hoge

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Biologia

Instituto Butantan - C.P. 65 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

106C

José Maria Homem de Montes

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Jornalista

"Estado de S. Paulo" - R. Barão de Duprat, 233 - S. Paulo - capital

Socio contribuinte

Importadora e Exportadora Bleneo S.A 107Co

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Comercio

R. Marconi, 138 - 3º andar - S. 306 . S. Paulo . Capital

Socio corporativo

Indústria Química e Farmacêutica Laborterápica S.A 108C

Admissão : 8/11/48 . Socio fundador

Indústria

R. Carlos Gomes, 924 . C.P. 2240 . S. Paulo - Capital

Socio corporativo - Sócio Benemérito

John Lane 118C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

. Entomologia

Faculdade de Higiêne e Saúde Pública *C.P. 998 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte *C.P. 8093

Eugênia Moraes de Andrade 156C

Admissão : 8/11/48 . Socio fundador

Faculdade de Ciencias Economicas e Administrativas - Instituto de Administração

R. Dr. Vila Nova, 228-208 S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Dr. Haity Moussatché 160C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Biologia

Instituto Oswaldo Cruz . C.P. 926 - Rio de Janeiro

Socio contribuinte

Victor Rodrigues Reubern 165 Co

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Lavrador

C. P. 70 - Garça - S. Paulo

Socio corporativo

Manuel Geraldo M. de Ornellos 173 C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Química

Instituto Mackenzie - R. Maria Antonia, 307 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Prof. Aristoteles Orsini 174 C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Professor

R. Barão de Itapetininga, 120 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Dr. Fritz Ottensooser 177 C

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Imunologia

Laboratorio Paulista de Biologia - R. S. Luiz, 161 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

7 de abril 404 - 1º

André Betim Gaes Lemos 178 Co

Admissão : 8/11/48 - Socio fundador

Lavrador

Fazenda Laranjal Chavantes - Jacarezinho - Paraná

Socio corporativo

Dra. Maria de Lourdes Ledroso 183C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Médica Psiquiatra

Hospital Municipal R. Castro Alves, 166 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Dr. Braz Pellegrino 184C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Médico

Faculdade de Filosofia - Instituto de Biologia - C.P. 327 Belo Horizonte Minas Gerais

Socio contribuinte Caramgola 288 14/2/62

Dr. Paulo Rath de Souza 205C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Histopatologia

Instituto Conde de Lara - R. Domingos de Moraes, 2463 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Cont. ur.

Isaias Raw 206C E

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Estudante

Faculdade de Medicina - Departamento de Química-Física - Av. Dr. Arnal. S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

José Manuel Ruiz 225C

Admissão: 8/11/48 - Socio fundador

Parasitologia

Faculdade de Farmácia e Odontologia - R. Três Rios, 363 - S. Paulo - Capital

Socio contribuinte

Rachel Mello Teixeira 247C
Admissão: 8/11/48 - Socio fundador
Biologia
Instituto Adolfo Lutz - Av. Dr. Arnaldo, 3 - S. Paulo - Capital
Socio contribuinte

Candida Helena Teixeira Mendes 248 C
Admissão: 8/11/48 - Socio fundador
Citologia
Instituto Agronômico - C. P. 28 - Campinas. S. Paulo
Socio contribuinte

Dr. Aristides Vallejo 257 C
Admissão: 8/11/48 - Socio fundador
Bacteriologia
Instituto Pasteur - Av. Paulista, 293 - S. Paulo - Capital
Socio contribuinte

Prof. Leferino Vaz 259 R
Admissão: 8/11/48 - Socio fundador
Professor universitario
Faculdade de Medicina Veterinaria - R. Dias da Rocha, 159 - S. Paulo - Capital
Socio contribuinte C.P. 7064

Olympio Veneroni 260 C
Admissão: 8/11/48 - Socio fundador
Farmácia
Farmácia Sto. Antonio - C.P. 314 - Tupã C.P.
Socio contribuinte

Armando Wohlers 264C

Admissão : 8/11/48 - Sócio fundador

Geologia

Instituto Geográfico e Geológico - R. Antonio de Godoi, 122 - 7º andar
S. Paulo - Capital

Sócio contribuinte

Dr. Vicente Chiaverini 269 C

Admissão : 8/11/48 - sócio fundador

Engenheiro civil

Instituto de Pesquisas Tecnológicas - C.P. 141 A - S. Paulo - Capital

Sócio contribuinte

Demissão em 21-2-51 (rec. 6-51)

Prof. José Ribeiro do Valle

Admissão : 8/11/48 - Sócio fundador

Biologia

Escola Paulista de Medicina - C.P. 144 A - S. Paulo - Capital
C.P. 12993

Sócio contribuinte

ciencia e cultura

ÓRGÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Neste Número:

Biologia da Saúva

Gerador de Van de Graaff

Higiene e Cooperação Internacional

Enxertias inter-familiares

★ Pesquisas Recentes ★ Notas Originais ★
Comentarios ★ Homens e Instituições ★
Livros e Revistas ★ Noticiário ★

VOL. I
Nº 1-2

SÃO PAULO
JANEIRO e ABRIL DE 1949

CIÊNCIA E CULTURA

Vol. I | Janeiro e Abril de 1949 | N. 1-2

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

No dia 8 de junho do ano passado cêrca de 60 pessoas, atendendo a convite dos drs. Paulo Sawaya, J. Reis e M. Rocha e Silva, reuniram-se no auditório da Associação Paulista de Medicina na cidade de São Paulo, para cuidar da fundação de sociedade destinada a lutar pelo progresso e pela defesa da Ciência em nosso País. Movia-as o mesmo impulso que noutros paises tem levado os cientistas e homens cultos à criação de órgãos semelhantes, como as centenárias associações inglesa e norte-americana, a francesa, a italiana, a argentina e outras. Nessa primeira reunião elegeu-se a comissão encarregada de redigir os estatutos, a qual ficou composta dos professores J. Americano, F. J. Maffei, J. Ribeiro do Valle e dos doutores M. Rocha e Silva e J. Reis. O projeto elaborado foi discutido e aprovado, com emendas, no dia 8 de julho, e se acha hoje impresso e à disposição dos interessados. Na mesma ocasião foi eleita uma comissão executiva provisória para dirigir os destinos da Sociedade até as eleições gerais e posse da diretoria e do conselho. Integraram essa comissão, além das pessoas acima referidas, mais os professores H. da Rocha Lima, M. de Barros Erhart, O. Bier, P. Sawaya, L. Cintra do Prado, H. Hauptmann e os doutores A. Marchini e G. Rosenfeld.

Assim nasceu a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, cuja ata de fundação traz a data de 8 de julho de 1948.

Ao mesmo tempo que tomava as providências estatutárias para a realização das eleições, a comissão executiva provisória deu início ao programa cultural da Sociedade,

com uma conferência do Prof. Rocha Lima, proferida a 27 do mesmo mês no auditório da Biblioteca Municipal, cuja lotação ficou total esgotada, o que bem demonstra o auspicioso começo que teve a nova agremiação, assim como a falta, que em nosso meio se fazia agudamente sentir, de um órgão dêsse gênero. Outras conferências públicas seguiram-se a essa, em tôdas havendo oportunidade para debates das questões ventiladas pelo orador; sem exceção, constituiram notáveis acontecimentos em nossa vida científica, tendo algumas recebido o patrocínio conjunto de outras associações, como o Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina e a Associação dos Ex-Alunos de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Aos 8 de novembro empossaram-se a diretoria e o conselho eleitos na conformidade dos Estatutos, e assim constituídos: Presidente: J. Americano; Vice-Presidente: M. Rocha e Silva; Secretário-Geral: J. Reis; Tesoureiro: P. Sawaya; Secretário: G. Rosenfeld. Conselho: O. Bier, M. Barros Erhart, F. J. Maffei, A. Carvalho e Silva, A. Dreyfus, L. Cintra do Prado, C. Chagas Filho, M. Ozório de Almeida, G. Vilela, J. Jesuino Maciel, e A. Marchini. Ao Professor H. da Rocha Lima e ao doutor H. de Beaurepaire Aragão a Comissão Executiva Provisória, na reunião que precedeu as eleições, conferiu por unanimidade os títulos de presidentes honorários da Sociedade, de cujo Conselho passaram, porisso, a membros natos.

No momento atual a SBPC possui 352 sócios, distribuídos pelas seguintes categorias: contribuintes, remidos, corporativos, benemérito e assinantes.

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência tem os seguintes objetivos gerais: a) justificação da ciência, mostrando ao público seus progressos, seus métodos de trabalho, suas aplicações e até mesmo suas limitações, buscando criar em tôdas as classes, e conseqüentemente na administração pública, atitude de compreensão, apôio e respeito para as atividades de pesquisa; b) robustecimento da organização científica nacional, pela melhor articulação dos cientistas, pelo seu mais íntimo conhecimento mútuo, numa tentativa de unir as diversas especialidades e dissipar eventuais incompreensões por meio de ações conjuntas, pelo incentivo à formação de novos pesquisadores e ainda pela remoção de entraves que se oponham ao progresso da ciência; c) luta pela manutenção de elevados padrões de conduta científica, e ao mesmo tempo combate à pseudo e à meia ciência, que tantas vezes tomam posições que deveriam pertencer à verdadeira ciência; d) assumir atitude definida e ativa de combate no sentido de assegurar, contra possíveis incompreensões, a liberdade de pesquisa, o direito do pesquisador aos meios indispensáveis de trabalho, à estabilidade para realização de seus programas de investigação, ao ambiente favorável à pesquisa desinteressada.

Êsses objetivos são assegurados por meio de conferências, reuniões conjuntas, colaboração com a imprensa e com todos os interessados e publicações capazes de atingir as diversas camadas sociais.

A SBPC é sociedade de âmbito nacional, sem côr política ou religiosa. Seu primeiro núcleo tomou corpo em São Paulo. Outros núcleos, entretanto, já começaram a formar-se e transformar-se-ão, com o tempo, e de

acôrdo com as realizações que apresentem, em divisões da Sociedade.

Não é a SBPC uma sociedade de especialistas. Destas já existem várias, às quais a nova agremiação não fará concorrência, mas apoiará de tôdas as formas possíveis.

E' emprêsa em que os cientistas se irmanarão com os não cientistas, porém amantes da Ciência, buscando o prestígio crescente desta última e o progresso do País através do próprio progresso da Ciência.

* * *

«Ciência e Cultura», que hoje se apresenta ao público científico e a todos os que se interessam pelos problemas da Ciência, é o órgão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Aparecerá quatro vêzes por ano, com artigos e notas originais, além de variada informação que sirva para difundir não só os conhecimentos que a Ciência vai acumulando, mas também os dados relativos à projeção dêsses conhecimentos na sociedade. Espera ainda a revista, como órgão que é da SBPC, servir de aproximação dos cientistas entre si, e dêstes com o público, entre todos desenvolvendo forte e indispensável sentimento de solidariedade e compreensão.

Antes de terminar esta apresentação, é com prazer que a SBPC registra que «Ciência e Cultura» pôde tornar-se realidade, graças à compreensão do industrial Francisco Pignatari, que para isso concedeu à SBPC uma subvenção anual de Cr$ 50.000,00.

* * *

A capa de «Ciência e Cultura» foi escolhida pela diretoria da SBPC dentre originais diversos que examinou. E' da autoria do arquiteto Ernest de Carvalho Mange, sócio da SBPC, que dessa forma contribuiu valiosamente para a realização da revista.

Início das atividades da SBPC em *Curitiba*

Encontra-se na fase final de organização a Divisão Regional de Curitiba, Estado do Paraná. Dando início às atividades da SBPC, na Capital do Paraná, o prof. Marcello Damy de Souza Santos realizará no dia 12 de abril uma conferência sob o título: «Betatron e Produção Artificial de isótopos radioativos».

Apresentará o conferencista o prof. A. O. Schwab. No dia 13 de abril o prof. Damy orientará um seminário de Física, no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, de Curitiba, sob a direção do Dr. Marcus Enrietti.

A SBPC conta atualmente com a adesão de quase meia centena de técnicos e cientistas de Curitiba, os quais constituirão a primeira Divisão Regional da SBPC.

3.

- No dia de abril de 1949, na Biblioteca do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, com a presença dos associados supra-assinados, procedeu-se a uma reunião para a discussão do Projeto e Regulamento da Divisão Regional de Curitiba da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. As sugestões propostas pelos associados em questão, afim de serem discutidas à séde da S.B.P.C. foram as seguintes:-

1) Com referência ao artigo 5º que diz que as Divisões Regionais, isto é, que cada Divisão Regional será dirigida por um Secretário Regional diretamente provindo pelo Conselho da S.B.P.C., o qual indicaria, diz, a maioria pronunciou que o processo fosse executado de outro modo e pelas razões seguintes:

Como os mandatos tanto do Secretário Regional como das Comissões Regionais se extinguem juntamente com o mandato do Conselho da SBPC, e como as pessoas que estão inculcadas ao ambiente onde funcionará a Divisão Regional melhor conhecem a capacidade de trabalho com quem privam, seria providencial que as Divisões Regionais se reunissem em Assembléia Geral Ordinária

6

ara fim al escolherem três dos seus membros para com por uma lista tríplice. Esta, então, seria dirigida ao Conselho da S B P C, o qual indicaria um que seria nomeado Secretário Geral, digo, Regional para o referido período.

2) Com referência ao artigo 5º, principio 2º, para mais rapidez, é suficiente que o Secretário, em seus impedimentos comunique ao Conselho Geral o seu substituto, uma vez que sendo êste, membro de uma das Comissões, já esteja previamente aprovado pelo Conselho.

3) Com referência a artigo 14º, ponderaram os presentes que a quota de 30% sôbre a arrecadação entre os sócios contribuintes possivelmente não será suficiente para cobrir as despezas obrigatórias de D.R., despezas estas que evidentemente subirão tanto mais quanto menos for o número de sócios contribuintes. Sugeriu-se então que a contribuição dos D. R. para a S B P C fosse feita proporcionalmente ao número de sócios de cada divisão, proporcionalidade esta que poderá ser fixada pelo Conselho da S.B.P.C.

4) Sugeriu-se também que os programas culturais e sociais a serem elaborados pelo Secretário Geral de conformidade com as Comissões seja submetido à Assembléia, para receber sugestões, antes de subir para o Conselho.-

Reunião Anual da SBPC

* Completando as atividades do primeiro ano de existência da SBPC está sendo planejada a realização, em Outubro de 1949, da primeira **Reunião Anual.** Foi escolhida a cidade de CAMPINAS, Estado de São Paulo, como local para essa primeira reunião de cientistas e pessôas interessadas no progresso da ciência, em todo o Brasil. Para a escolha de Campinas, foram levadas em conta as tradições culturais da cidade, as oportunidades que oferece como centro científico e facilidade de acomodação em seus hoteis. A **Reunião** terá a duração de 4 dias e constará de três simpósios sôbre assuntos relevantes, bem como da apresentação de trabalhos originais realizados pelos nossos cientistas, em todos os setores que constituem o âmbito de ação da **Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.**

* O carater das comunicações deverá antes ser o de **informar** o público e colegas de especialidades diferentes, sôbre o que é feito nos nossos laboratórios e Institutos para que se possa fazer um balanço aproximado da contribuição do País para o progresso da ciência. Embora não possam ser evitadas especializações excessivas, pede-se a todos os que pretenderem tomar parte na **Reunião Anual,** redigirem os seus trabalhos de maneira a poder interessar o maior número possível de participantes.

* Os simpósios serão organizados pela Direção da SBPC e versarão sôbre os três assuntos seguintes: I) **Recursos minerais;** II) **Papel da genética no aperfeiçoamento das plantas uteis;** III) **O conceito de espécie.**

* * *

* Pedidos de inscrição, acompanhados dos títulos das comunicações deverão ser enviados ao Secretário Geral da SBPC, Dr. José Reis, Instituto Biológico, São Paulo, até o dia 30 de Junho próximo. Cada comunicante enviará um resumo do trabalho até o dia 31 de Julho. Os que pretenderem tomar parte na **Reunião** sem apresentação de trabalho, poderão inscrever-se até o dia 31 de Agôsto próximo. Aos **não** sócios que pretenderem tomar parte na **Reunião Anual** será cobrada a taxa de inscrição de Cr$ 50,00. A Direção da SBPC reservará lugares nos hoteis de Campinas, rigorosamente pela ordem de chegada dos pedidos de inscrição. Os preços das diárias completas nos hoteis de Campinas são os seguintes: Cr$ 100,00 (Términus) e Cr$ 60,00 (Vitória, Pinheiros, Fonte São Paulo).

NOTICIÁRIO

Da SBPC

I Reunião Anual da SBPC

Sob a presidência dos profs. Jorge Americano e H. da Rocha Lima, realizar-se-á em Campinas, de 11 a 15 de outubro, a I Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. As sessões realizam-se no Instituto Agronômico, no Centro de Ciências e Letras e na Sociedade de Medicina e Cirurgia. Inscreveram-se 104 pessôas com cêrca de 86 trabalhos, dos quais 64 são contribuições originais, 17 constituem revisões sôbre temas da maior atualidade e 5, conferências de carater geral. Durante a Reunião serão realizados 3 simpósios: I) RECURSOS MINERAIS, em que serão discutidos os seguintes temas: *Viktor Leinz*: «Geologia como ciência pura e aplicada»; *Othon Leonardos*: «Determinismo geológico na formação do Brasil»; *Cel. Bernardino de Mattos*: «Obtenção de combustíveis líquidos» e *Octavio Barbosa*: «Minério de ferro no Brasil». II) GENÉTICA E APERFEIÇOAMENTO DE PLANTAS UTEIS, sob a presidência do Dr. C. A. Krug, com a apresentação de trabalhos e demonstrações sôbre *Coffea*. III) GENÉTICA DE POPULAÇÕES E CONCEITO DE ESPÉCIE, sob a presidência do prof. André Dreyfus, que discorrerá sôbre «Conceitos de espécie», seguindo-se o *Dr. C. Pavan*: «Genética de Populações e Especiação» e outras comunicações cujos resumos serão publicados em nosso próximo número.

Na sessão inaugural, no dia 11 de outubro, no Centro de Ciências e Letras farão conferências os profs. *Eduardo Braun Menendez*, de Buenos Aires, sôbre «Liberdade de Pesquisa» e o prof. Gleb Wataghin sôbre «Origem do Universo, com referência especial à origem dos núcleos atômicos». No dia 12 de outubro, na Sociedade de Medicina e Cirurgia, o *prof. Olympio da Fonseca Filho*, atual diretor do Instituto de Manguinhos, usará da palavra para apresentar «Novos Rumos nos trabalhos do Instituto Oswaldo Cruz» e o *Dr. Benno D. Silberschmidt*, em seguida, falará sôbre «Vantagens e Perigos das tentativas de unificação das Ciências».

Damos a seguir a relação das sessões e respectivos presidentes: FÍSICA GERAL E BIOFÍSICA, *prof. Carlos Chagas;* BOTÂNICA E SOLO, *prof. Felix Rawitscher;* ZOOLOGIA E FISIOLOGIA COMPARADA, *prof. Paulo Sawaya;* BIOQUÍMICA E FISIOLOGIA ANIMAL, *prof. Paulo Galvão;* PATOLOGIA ANIMAL, *prof. Oto G. Bier;* FITOPATOLOGIA E ENTOMOLOGIA ECONÔMICA, *Dr. H. S. Lepage;* BIOQUÍMICA E FISIOLOGIA ANIMAL (*Cont.*), *prof. J. Ribeiro do Valle.*

Durante a I Reunião Anual será realizado um SEMINÁRIO DE ESTATÍSTICA, sob a presidência dos *Drs. A. A. Bitancourt* e *prof. L. Freitas Bueno*, com as seguintes contribuições: *C. G. Fraga Junior*: «Princípios de planejamento de Experiências. Delineamentos Fundamentais»; *W. L. Stevens*: «Planejamento de Experiências»; *A. Toledo Piza*: «Aspectos do Tratamento das Relações Humanas, segundo a Moderna Teoria de Rashevsky»; *L. Freitas Bueno*: «Papel da Estatística na Elaboração das Leis Econômicas»; *A. A. Bitancourt*: «Função Discriminante»; *W. L. Stevens*: «Delineamentos Modernos. Parte II. *Confounding*».

Na noite de 14 de outubro, no Teatro Municipal de Campinas, realizar-se-á o concêrto da *pianista Madeleine Bernheim* e *violinista Eva Kovack*, sob os auspícios da Diretoria de Educação e Cultura da Prefeitura de Campinas, em homenagem à I Reunião Anual da SBPC. Diariamente, de 17,00 às 18,00 horas, realizam-se sessões de filmes científicos, produzidos pelos nossos cientistas e de outros gentilmente cedidos pelo Departamento de Divulgação da Secretaria da Agricultura, Difusão Cultural da Universidade de São Paulo, Consulado Americano e Consêlho Britânico. No dia 13 de outubro, à noite, será exibido o filme de longa metragem: «Física Atômica», cedido pelo Conselho Britânico, em que a história da constituição, desintegração e transmutação dos átomos vem relatada de maneira magnífica, em 110 minutos de projeção.

A I Reunião Anual termina com um almôço de confraternização. São convidados especiais à I Reunião Anual da SBPC: *Snr. Miguel Cury* (Prefeito de Campinas), *Eduardo Braun Menendez*, Secretário Geral da Associação Argentina para o Progresso das Ciencias, *Gleb Wataghin*, prof. de Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, *Olympio da Fonseca Filho*, Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, *Cel. Bernardino de Mattos*, do Conselho Nacional do Petróleo, *Othon Leonardos*, do Museu Nacional e *Lauro Travassos*, do Instituto Oswaldo Cruz.

O próximo número de «Ciência e Cultura» será reservado, em grande parte, à publicação das notas apresentadas e noticiário sôbre a 1ª Reunião Anual da SBPC.

Liberdade de Pesquisa*

EDUARDO BRAUN-MENÉNDEZ

O tema escolhido para esta conferência — a liberdade de pesquisa — constitui compromisso muito sério. De um lado, é quase ilimitado o alcance do assunto; de outro, têm limites muito estreitos a capacidade do orador e o tempo de que êle dispõe.

Antes do mais, convém definir o que entendemos por liberdade de pesquisa. E' o direito de escolher por si mesmo o problema a ser investigado e de realizar a pesquisa sem intervenção de influências estranhas.

Ensina-nos a história que a liberdade de pesquisar, tão ligada a outras liberdades — de pensamento, de expressão, de ensino — jamais foi plenamente conseguida. E' erro considerar essa liberdade como um bem adquirido e ver em seus detratores meros representantes de corrente ocasional e transitória. O preço da liberdade é a eterna vigilância, e devemos considerá-la como bem a conquistar contra todos os obstaculos de todos os dias. Não esperemos que nos concedam liberdades, pois é grande verdade o que um chefe árabe respondeu a Gertrude Bell, a famosa viajante e arqueóloga inglêsa: «Senhora, permita-me recordar-lhe que a liberdade nunca se dá, mas sempre se toma».

Por que essa oposição, mais ou menos geral, das sociedades humanas de todos os tempos à liberdade de pesquisa? Várias são as causas, mas entre elas duas, a meu ver, se destacam: a preguiça mental e o medo.

Possui o homem, por natureza, um cérebro preguiçoso. O pensar, que é atributo essencial do homem, na realidade é ato que só alguns poucos privilegiados realizam habitualmente. E na época presente o emprêgo dos métodos modernos de propaganda e doutrinação, assim como a conspiração burocrática universal, que inventa os mais sutis meios para domesticá-lo e embrutecê-lo, fizeram do homem contemporâneo um sêr que não pensa. O ensino «enciclopédico de adejo» abrumadoramente uniforme e crestador das faculdades vocacionais, a imprensa monocorde e sensacionalista, o rádio palrador e intermitente e tantos outros meios criadores de «atenção dispersa» fabricam um mundo familiar de crenças rígidas e idéias simples, cujas fronteiras bem delimitadas êle não ousa nem tenta cruzar. Pois bem, uma idéia nova, um fato novo significa para êsse homem a necessidade de uma nova ordenação ou ampliação do mundo compartido em que vive; mas como, para fazê-lo, seria preciso gastar uma tão grande quantidade de energia cerebral, êle prefere repelir a idéia nova ou o fato novo, considerando-os errados, adulterados ou falsos. Essa atitude não é exclusiva do homem comum. Na arte, na ciência, na filosofia, os grandes criadores, as correntes renovadoras sempre se chocaram com uma resistência mais ou menos intensa e prolongada que, em grande parte, é o produto da inércia mental a que aludimos.

A segunda causa de oposição à liberdade de pesquisa é o medo, o temor de que a idéia nova ou o fato novo ponham em perigo a estrutura e os fundamentos do mundo material, moral e intelectual do homem, da religião que professa, da sociedade em que vive ou do regime político imperante.

Alguns poucos exemplos ilustrarão essa tese. Anaxágoras sustentou ser o sol uma pedra aquecida ao rubro e a lua constituída de matéria terrestre. Por essa heresia foi desterrado de Atenas, pois não sabiam todos que o sol era um deus e a lua uma deusa?

(*) Conferência pronunciada por ocasião da I Reunião Anual da SBPC.

E isto na Grécia, berço das liberdades de pensamento e de palavra.

Na Rússia, os geneticistas clássicos foram durante algum tempo ajudados e estimulados pelo govêrno, pois suas teorias, baseadas em imenso número de observações e experiências, de certo modo apoiavam a concepção materialista do mundo, de Marx e Engels. Mais recentemente, porém, todo o entusiasmo do Estado se voltou para uma teoria nova que contradiz a primeira e cujos fundamentos científicos não são ainda muito amplos nem seguros, mas que, por outro lado, melhor concorda com o postulado máximo da idéia marxista e sua principal arma política: a teoria de que todos os homens são iguais no sentido material e de que seu desenvolvimento intelectual e físico depende exclusivamente do meio social em que vivem. Não é justo que o Estado utilize a ciência para fins políticos; mas a coisa não ficou aí. Os geneticistas clássicos, antes tão mimados pelo govêrno, viram-se qualificados de idealistas, reacionários, fascistas, burgueses, capitalistas e imperialistas, e depois de humildemente confessar que eram incompetentes, espiões ou traidores, desapareceram do cenário científico. Por que se proscreveu a genética clássica e se lhe suprimiram os cultores? Por medo de que as idéias e os fatos ligados às suas investigações fizessem perigar a estrutura e os fundamentos do regime político dominante.

Darlington, brilhante conferencista, defende tese atrevida, porém em grande parte exata. Sustenta que mesmo os indivíduos e as organizações que mais contribuem para o progresso da ciência podem constituir, com o tempo, obstáculo a êsse progresso. Começam como instrumentos da ciência e acabam como instrumentos da sociedade. Dois exemplos notáveis neste sentido são Aristoteles e Galeno, cuja autoridade, legitimamente adquirida, foi durante vários séculos barreira intransponível a toda idéia nova que não se conformasse com os seus postulados.

memórias ou documentos históricos para apreciar o temor do homem ante a novidade. No diário dos irmãos Goncourt pode-

Em terreno mais banal, basta ler as se ler esta anotação: «un ami arrive de New York et nous annonce une nouvelle que nous n'osons pas croire et qui serait la fin de tout. *Les lavabos tiennent aus murs*». A simples mudança da relação entre o homem e o lavatório, isto é, em lugar de a jarra e a bacia se transportarem até o homem, ter êste de dirigir-se até o lugar em que aquele se encontra, significava para os irmãos Goncourt, *la fin de tout*. Esta frase causa-nos riso, hoje. Talvez daqui a 50 anos também se ria de nós aquele que leia os documentos contemporâneos que registram nosso pânico ante a liberação da energia atômica.

Quando os cientistas da antiguidade afirmavam algo distinto ou contrário do que se acreditava, eram considerados irreverentes, perigosos ou inimigos da religião, do Estado, da sociedade. Mas com o correr do tempo — depois de haver sofrido o desterro, a prisão e até a morte na fogueira — o homem de ciência começou a ser tolerado pela sociedade, quando se verificou que êle podia aumentar o poder do estado. Passou então a correr outro perigo, além dos enumerados: o de ser atado ao carro de dogmas políticos ou de nacionalismos e imperialismos agressivos.

Assim acontece com os cientistas atômicos de nosso tempo. Algum govêrno os captura em seus lares ou em alto mar e os põe a trabalhar com um fim determinado Segundo a sorte de sua captura, serão escravos de um ou outro senhor. Um físico alemão comentando êste fato, declarou: «com queijo se caçam ratos, com carne professores».

Obstáculos à liberdade de pesquisa

Depois de haver enumerado mui superficial e sumariamente as causas principais da resistência oposta pela sociedade à liber-

dade de pesquisa, vejamos alguns obstaculos que decorrem da própria organização do trabalho científico.

Em outros tempos o homem de ciência trabalhava sozinho e podia fazer descobertas com pouca aparelhagem e ajuda. Alguns, como Lavoisier e os fundadores da Royal Society, empregavam recursos próprios para consecução de suas experiências. Hoje, entretanto, o cientista necessita de equipamento caro, de laboratório mais ou menos amplo e de muitos assistentes. E isso tudo só pode ser obtido com ajuda e favor do govêrno, da indústria ou de instituições privadas poderosas. Sempre existe o perigo de que o homem que vende seu trabalho ao govêrno ou ao seu mecenas, deixe, para ganhar-lhes o favor, de seguir os impulsos de sua mente original e perquiridora e oriente suas investigações para os pontos de menor resistência e êxito mais seguro. Se adota o primeiro procedimento pode passar anos sem obter resultados, sendo considerado um mau investigador por seus empregadores ignorantes que lhe retirarão o auxílio; se adota o segundo procedimento, logo terá resultados para oferecer e material para publicar; com isso conseguirá manter a aprovação e a ajuda dos superiores, mas pelos verdadeiros homens de ciência será considerado traidor da causa do progresso da ciência.

Outro perigo deriva da própria situação da pesquisa científica. Os governos mostram-se dispostos a dar ajuda ampla à investigação, em parte porque acreditam que isso traz benefícios à humanidade, e ainda em maior parte porque sabem que o poder de uma nação — poder militar, humano e industrial — está em relação direta com seu progresso científico. Para bem aplicar as grandes somas de dinheiro que se empregarão em tais atividades alguns governos, reconhecendo sua ignorância em assuntos científicos, criam organizações assessoras, mais ou menos independentes e autônomas, formadas por especialistas, que têm a seu cargo a distribuição das subvenções. Outros governos, menos sábios, supõem conhecer tudo o que se refira à investigação e repartem milhões a quem não os sabe usar, levantam suntuosos institutos em que jamais se descobrirá um fato novo e nomeiam pesquisadores por decreto. Não falemos dêstes, mas dos outros.

A distribuição de subvenções, bolsas ou auxílios de qualquer espécie é uma das tarefas mais difíceis e delicadas, e os que a exercem devem compenetrar-se da enorme responsabilidade que assumem. Deixando de lado o acêrto da escolha do favorecido, a subvenção em si, temporária ou renovável, pode ser elemento perturbador da liberdade de pesquisa. Com efeito, em geral a subvenção é pedida, e não outorgada espontaneamente. O pedido significa que o investigador se propõe estudar um tema determinado, e o que concede o auxílio assim procede porque acredita que o estudo dê resultados. Isto cria no pesquisador um estado de ânsia para chegar logo a algum resultado que possa ser objeto de publicação, a fim de, dêsse modo, justificar a subvenção que lhe foi concedida... e pedir outra. O enorme excesso de artigos científicos que nos acabrunham é, em grande parte, devido a êsse regime de subvenção. O excesso de literatura científica não é exclusivo de nosso tempo. Já Harvey dizia: «A multidão de escritorezinhos estúpidos é pouco menor que os enxames de moscas no rigor do verão, e com suas produções imaturas e frívolas ameaçam asfixiar-nos com fumo». E' evidente, a todos nós, que a grande maioria das publicações ganharia se as deixássemos repousar como ao vinho, e se lhes ajuntássemos material, pensamento e estilo.

Dissemos, não há muito, que a investigação científica já não é, nem pode ser, o produto da atividade individual independente. O investigador de hoje é parte ou partícula de alguma organização mais extensa. Sua atividade está, em geral, inte-

grada em um trabalho de equipe. Há cientistas conservadores (pois também existem conservadores entre os homens de ciência) que vêm perigo nessa necessidade do trabalho de equipe. Mas é preciso distinguir dois tipos de equipe. Um dêles é aceitável, o outro repudiável. O primeiro funciona como equipe de futebol, em que, dentro cada qual de sua esfera de ação, todos trabalham, para o triunfo do conjunto, onde cada qual emprega todo o seu esforço enquanto ache favorável a oportunidade e não tem dúvida em passar a pelota a quem esteja mais bem colocado para fazer o «goal». O segundo funciona qual matilha na qual 10 ou 20 cães, tão leais como estúpidos, sob as ordens do matilheiro que os estimula com o látego, puxam de um trenó o dia inteiro, sem saber a direção nem o trajeto da viagem, e apenas pedindo comida e abrigo ao fim da jornada (Ogilvie, 1945).

A cooperação só é útil quando se conserva na equipe certo elemento de independência, de turbulência, (... de desordem?) e também de luta. Sem esses elementos, teremos organização cuja vida será, como nas colmeias, mecânica, precisa, estática. As abelhas merecem, de certa forma, nossa admiração, por sua magnífica disciplina e devoção à comunidade; mas, como diz Russel, «as formigas e as abelhas não produzem grandes obras de arte, nem fazem descobertas científicas, nem fundam religiões que ensinam serem irmãs tôdas as formigas ou abelhas».

Em resumo, o desenvolvimento alcançado pela maior parte das ciências requer, para seu progresso, uma organização mais ou menos complexa. A iniciativa individual pouco conseguirá sem a ajuda dessa organização. Mas é preciso reconhecer e ter sempre muito presente que, desgraçadamente, podem existir grandes organizações sem iniciativa, e que sem essa, sem o elemento humano com seus motivos e paixões, não haverá progresso científico.

A liberdade de pesquisa e o progresso das ciências

Na ciência não há conhecimentos úteis e conhecimentos inúteis. Todo conhecimento novo é ou pode chegar a ser útil. Poderá haver caminhos estreitos e escarpados que pareçam conduzir a ponto morto, e avenidas amplas que prometem rápido progresso. Poderá haver estradas que conduzam a fatos novos sem aplicação prática imediata nem importância aparente, e outras que permitam entrever amplo e pronto rendimento. Todos êles são dignos de seguidos e não pode haver progresso da ciência se seus esforços se limitam a uma direção determinada, com exclusão de outras.

Enrico Fermi, respondendo a um inquérito realizado por uma comissão do Senado dos Estados Unidos, disse: «A experiência tem demonstrado que de algum modo deixada ao acaso, a exploração do saber, que resulta da larga liberdade do trabalhador intelectual no sentido de seu próprio tema, é a única maneira de assegurar que não fique abandonada nenhuma linha importante de ataque».

A maioria das pessoas imagina que a ciência avança como um rôlo compressor, que vai esmagando, um a um, os problemas com fôrça uniforme e inexorável. Essa idéia simples, adotada ou implicitamente aceita pela maioria dos que propõem a planificação da pesquisa, só é verdadeiro nos graus mais baixos da atividade científica. «A ciência, diz Darlington, antes progride como quando se puxa uma gaveta que, ao ceder de um lado, fique presa no outro. Nada se conseguirá se não se puxar do outro lado. Três quartos de tôda investigação, seja qual for sua espécie, consistem em puxar do lado impróprio, com o resultado já conhecido. E a razão é muito simples. O mesmo homem em geral não pode puxar o gavetão pelos dois lados. Torna-se preciso outro homem, um competidor, um arrivista, um sujeito franco e insolente que provavelmente des-

preza o primeiro e que, aproveitando-se do seu trabalho, não terá dúvida em apropriar-se de todo o mérito por haver feito o pequeno esfôrço que faltava para completar o trabalho. Todos sabem que a invenção da luz elétrica não derivou do propósito de aperfeiçoar as velas, e entretanto todos ou quase todos ajem como se assim houvera acontecido».

A planificação pode ser útil, e em certos casos necessária para apressar o desenvolvimento e a aplicação de conhecimentos científicos já adquiridos. Isto foi o que se viu na guerra passada. Se é certo, porém, que dão ótimos frutos os grandes cientistas postos a serviço da tecnologia, também é certo que estão êles fugindo à sua obrigação e à sua vocação de descobridores. Desenvolvimento de ciência aplicada não é sinônimo de progresso da ciência. Francis Bacon, o criador da idéia da pesquisa planificada, refere-nos, em sua Nova Atlantis, a organização de gigantesco instituto técnico, chamado Casa de Salomão, onde tudo se encontrava perfeitamente disposto para a investigação dirigida. Apesar disso havia, na casa de Salomão, «três homens que punham à prova as novas experiências que êles mesmos considerassem boas. Eram chamados pioneiros ou cabeças». E' que, com efeito, não se pode planificar a descoberta, a que muitas vezes se chega por surpresa ou acidente e não como resultado de plano determinado.

A organização atual do trabalho científico cada vez mais se parece com o modêlo de Bacon. São cada vez menos numerosos os centros em que os pesquisadores podem livremente explorar qualquer caminho que lhes pareça frutífero ou atraente, e nem mesmo as universidades têm conseguido escapar à direta ou indireta absorção e direção estatal, por meio de subvenções e ajuda financeira. Por uma ou outra razão a maior parte dos investigadores trabalha em organizações governamentais ou industriais onde são obrigados, de modo mais ou menos estrito, a perseguir objetivos bem especificados. Teremos de lutar para conseguir que sejam mais de três os pioneiros ou cabeças da Casa de Salomão, pois o progresso da ciência está intimamente ligado à liberdade de pesquisar. Suprimida esta, também se suprimirá aquêle.

E' desejável o progresso da ciência

Não basta sustentar que a liberdade de pesquisa seja indispensável para o progresso da ciência; é preciso, além disso, demonstrar que êsse progresso é desejável.

O direito á liberdade de pesquisa, como o direito a outras liberdades, repousa em última instância, em certos postulados metafísicos. Como diz Polanyi, o problema do totalitarismo contra a liberdade é mal apresentado quando reduzido à antítese indivíduo versus Estado. Quando o indivíduo exige respeito do Estado para livremente buscar seu interêsse pessoal, não são as liberdades mais essenciais as que estão em jôgo. Mas se o indivíduo exige respeito em nome de uma realidade espiritual sob cuja disciplina se impôs servir, então êle se dirige ao Estado como vassalo de um senhor mais alto, para o qual exige respeito e homenagem. A verdadeira antítese é, pois, entre o Estado e as coisas invisíveis que guiam os impulsos criadores do homem, e nas quais a consciência humana tem suas raízes naturais. A negação da realidade dessas idéias transcendentes traz, como consequência lógica, o estado totalitário. Se a verdade não é real e absoluta, pode parecer perfeitamente legítimo que as autoridades públicas decidam qual deva ser a verdade. O mesmo se pode dizer da beleza, da moral, da justiça.

A liberdade de pesquisa pode, pois, ser exigida em nome da ciência a cujo progresso serve. Aqui precisamos distinguir entre a ciência e suas aplicações benéficas ou daninhas. À ciência devemos a energia elétrica, o rádio, o cinema, a maquinária e a maior produtividade e melhor saúde do homem. Tudo isso deriva da descoberta e da correla-

ção de fatos novos. Mas a ciência é mais do que isto: é um método e é uma fé. E' um método que emprega observações de experiências registradas objetivamente e com absoluta honestidade. E é a fé, implícita ou explícita em todo homem de ciência, de que a verdade existe, pode e merece ser descoberta.

Para o cientista não existem fatos maus, não existe conhecimento inútil ou daninho. Podem cometer-se crimes com as aplicações da ciência, mas esses crimes são cometidos pelos que empregam os conhecimentos e não pelos que os criam.

A liberdade do pesquisador

Voltando ao nosso tema da liberdade de pesquisa, convém analisar sua relação com a liberdade do pesquisador. Com efeito, de pouco valeria a liberdade de explorar qualquer campo do saber se faltasse ao pesquisador a liberdade de prontamente comunicar seus achados e conclusões.

Em geral, a liberdade de pesquisar só pode existir em sociedade livre, pois os princípios que a fundamentam são os mesmos que servem de base às demais liberdades essenciais. Sem embargo, a preguiça mental e o temor, mesmo dentro dos limites do mundo científico, têm em todas as épocas constituido freios mais ou menos fortes à difusão de conhecimentos novos. Quando um pesquisador envia um trabalho científico a uma revista, o editor responsável, por si ou por meio de especialista no assunto, decide se o artigo merece ou não ser publicado. Diante de fato novo que o obrigue a rever os fundamentos de seus conhecimentos e que constitua ameaça a sua posição proeminente de perito, êle tende inconscientemente para a repulsa. Não tarda a racionalizar o seu impulso e a basear a sua atitude em insuficiência de provas ou apresentação defeituosa, etc. Conheço um caso em que um artigo que apresentava um fato novo foi rejeitado por importante revista científica porque o perito, surpreso ante a novidade das conclusões, entendeu que devia existir algum êrro de observação. Com o correr dos anos o autor dêsse artigo, por essa mesma descoberta, recebeu o premio Nobel.

Todo obstáculo ao livre intercâmbio de publicações constitui entrave ao progresso da ciência. Por isso devemos procurar solução rápida e satisfatória para as dificuldades que têm surgido à aquisição de livros e revistas estrangeiras, ao comparecimento de cientistas a congressos e reuniões e à aquisição de material e equipamento. Se pelo esfôrço combinado dos cientistas de todo mundo não se conseguirem levantar as cortinas de ferro que de maneira cada vez mais hermética fecham as fronteiras, interrompido ficará o intercâmbio de idéias e conhecimentos, tão necessário ao progresso da ciência.

Muito mais grave ainda são as restrições à liberdade motivadas pelas novas descobertas no campo da energia atômica. Aos que pesquisam nesse terreno, impõe-se absoluto sigilo e por isso mesmo êles são espionados, seus movimentos são limitados, sua vida passada é basculhada, averiguam-se dados sobre seu caráter e sôbre suas atitudes. Pode ser imenso o dano causado por essa conduta imposta em nome da segurança nacional. É de esperar, todavia, uma reação favoravel nesse sentido, pois se têm ouvido vozes influentes que mostram o bom caminho. «O segrêdo prejudica tanto a ciência quanto a democracia.», conclui o parecer de uma comissão especial da Associação Americana para o Progresso da Ciência. «Em ambas, o progresso e a detecção do êrro dependem da discussão aberta e do livre intercâmbio de idéias entre grupos amplamente divergentes e amplamente separados». E o presidente Truman, em discurso no qual recolhe as queixas de um grupo de importantes homens de ciência, declara: «Para ter segurança como Nação, devemos manter um clima que conduza ao

florescimento pleno da livre investigação. Por mais importante que seja o segrêdo sôbre armas militares, as descobertas fundamentais dos pesquisadores devem circular livremente para produzir seu efeito benéfico».

Há quem considerando o emprêgo que os povos fazem de suas invenções práticas, derivadas de nosso progresso científico, pretenda decretar moratória à ciência. Os progressos materiais, dizem, subprodutos da investigação científica, põem nas mãos do homem armas capazes de fazer perigar a existência mesma da humanidade. E acrescentam: a evolução moral não acompanha o progresso técnico; consequentemente, até que o homem se deixe guiar pela fé, pela razão e pela justiça, deve deter-se o progresso da técnica e da ciência que lhe dá origem.

Mal apresentado está o problema. É verdade que o egoismo, o ódio, a cobiça, a inveja e o orgulho continuam a ser os motivos principais da conduta humana. Não se deve, porém, culpar a ciência pelo mau emprêgo que dela se faz: o homem fará sempre aquilo que mandar ou sugerir sua religião ou sua filosofia, e empregará para o bem ou para o mal seus atributos essenciais, inteligência, palavras, músculos e sentidos, assim como os instrumentos que a ciência lhe põe ao alcance, sejam êstes o fogo ou a energia atômica. O remédio não está na supressão da ciência, mas na elevação do nível moral do homem e na segurança da justiça e da razão nas relações entre indivíduos e nações.

Para isso podem contribuir a ciência, o método científico e o espírito científico. A simples existência de uma raça de homens que, como os cientistas, vivem apenas para a verdade em si mesma é altamente educativa nesta hora do mundo em que todos os partidos se afanam por escravizar a verdade e amoldá-la ao seu programa.

Mais ainda, por buscar a verdade a ciência possui valor ético e estético. Isto é admiràvelmente dito por Sua Santidade Pio XII em discurso pronunciado perante a Academia Pontifícia de Ciência: «Amiga da verdade, a Igreja admira e quer o progresso do saber humano, assim como o das artes e de tudo o que por sua beleza e bondade seja capaz de exaltar o espírito e promover o bem».

Defendamos, pois, a liberdade de pesquisa, que é condição indispensável para o progresso científico. E para defendê-la invoquemos os valores espirituais que a ciência representa. Recordemos que, negando realidade a êsses valores espirituais e não baseando a liberdade em certos postulados metafísicos, carecerá ela de apôio lógico e não resistirá ao embate das idéias que lutam por despojar o homem de sua dignidade e convertê-lo em escravo do Estado.

———///———

NOTICIÁRIO

Da SBPC

I Reunião Anual da SBPC

Campinas, 11-15 de Outubro de 1949

Encerrando o primeiro ano de atividades da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e sob a presidência dos profs. Jorge Americano e H. da Rocha Lima, realizou-se, em Campinas, nas dependências do Instituto Agronômico, na Sociedade de Medicina e Cirurgia e no Centro de Ciências e Letras, em Outubro último, a I Reunião da SBPC. A essa reunião a que compareceu mais de uma centena de cientistas de todo o Brasil, foram apresentados trabalhos sôbre os diversos setores científicos que constituem o âmbito de interêsses da Sociedade: Física, Matemática, Estatística, Zoologia, Botânica, Genética, Fisiologia Animal e Vegetal, Bioquímica, Patologia Animal, Fitopatologia e Entomologia Econômica. Dos 86 trabalhos inscritos, apenas 5 deixaram de ser referidos pela ausência dos respectivos autores.

O objetivo da reunião foi o de tentar, pela primeira vez no Brasil e, talvez, na América do Sul, a integração de tôdas as atividades científicas humanas em conjunto homogêneo, de maneira a facilitar trocas de vistas, discussões e sugestões entre cientistas, habitualmente, afastados no espaço e, também, pela natureza das suas especializações.

O que resultou dêsse contacto entre físicos, matemáticos, geólogos, botânicos, zoólogos, geneticistas, estaticistas, fisiologistas, fitopatologistas e médicos, foi a convicção da profunda unidade existente entre tôdas as atividades científicas, das quais dependem o progresso do País e a sua capacidade de desempenhar papel de liderança entre as demais nações do mundo. Trocas de vistas, discussões ou simples conversas entre cientistas de especialidades muito diversas sempre resultam ou podem resultar em novas idéias de trabalho ou novos ângulos sob os quais os problemas de cada um serão atacados no futuro. Foi essa convicção profunda que levou povos de cultura mais sedimentada ou evoluida a organizarem sessões ou reuniões semelhantes, desde tempos bastante antigos, como a Associação Britânica para o Progresso da Ciência, que realizou a sua primeira reunião em 1831, ou a Associação Americana para o Progresso da Ciência, em 1849, além de associações similares, na Alemanha, França e Itália.

Convidados especiais

À reunião de Campinas compareceu um dos melhores fisiologistas do continente, o prof. Eduardo Braun Menendez, secretário da Associação Argentina para o Progresso da Ciência, colaborador de Houssay e descobridor da hipertensina e do mecanismo de sua liberação na hipertensão renal experimental. O prof. Menendez fez uma conferência sôbre «Liberdade de pesquisa», na sessão inaugural realizada no dia 11, no Centro de Ciências e Letras de Campinas, publicada na íntegra em outra secção dêste número. Durante tôda a reunião participou das discussões, tomando parte ativa em muitas das sessões. Ainda na sessão inaugural, o prof. Gleb Wataghin analisou as modernas concepções sôbre a «Origem do Universo» e, especialmente, a origem dos núcleos atômicos e dos raios cósmicos. Em muitas outras ocasiões, durante a reunião, o prof. Wataghin fêz sentir a sua presença, apresentando comunicações originais e observações sôbre a situação presente da física e sua provavel evolução nos próximos anos.

A ciência e a guerra

Na sessão de encerramento, realizada na sala da biblioteca do Instituto Agronômico, o prof. Jorge Americano, presidente da SBPC, discursou sôbre a significação da ciência no mundo moderno, salientando a injustiça de se atribuir aos cientistas o mau uso que dela fazem as fôrças políticas que conduzem as nações. Segundo s.s. a ciência, e só ela, poderá conduzir a humanidade a uma fase de desenvolvimento em que a guerra seja totalmente abolida, pela violência e poder destrutivo das novas armas atômicas, tornando impraticavel o seu uso, em virtude da sua própria violência. Na mesma reunião, o Dr. M. Rocha e Silva expôz a idéia geral que presidiu à organização do primeiro Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Mostrou que fôra dada ênfase ao tema geral do papel desempenhado pela ciência na melhoria do solo e dos seus produtos.

Iniciada a reunião com a conferência do prof. Wataghin sôbre a Origem do Universo, na sua fase pré-estelar, seguiram-se simpósios sôbre Geologia, Solo e Botânica, continuando-se com o estudo da Zoologia, Genética Vegetal e Animal e estudo da ciência do planejamento das experiências. Fragmentou-se, em seguida, a reunião em comunicações sôbre Fisiologia, Farmacologia, Bioquímica, Patologia Animal e Vegetal e Entomologia Econômica. A Química Geral, a Tecnologia Industrial e as ciências que tratam mais diretamente do homem, como Psicologia, Sociologia, Ciências Econômicas, ficaram fora do quadro da primeira reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Na próxima reunião anual, a realizar-se em novembro de 1950, na cidade de Curitiba, maior desenvolvimento e atenção serão dados a êsses temas.

O nível das discussões

As reuniões decorreram num ambiente de seriedade e disciplina que muito dizem do grau de desenvolvimento já atingido pelos nossos cientistas, em nada inferior ao que se pode observar nos paises mais evoluidos. O nível das discussões, pon-

tualidade nos horários e concorrência às sessões, mesmo às mais especializadas, tornaram a reunião de Campinas um modêlo a ser seguido em reuniões científicas de tôda natureza. Os programas e resumos foram impressos com grande antecedência e distribuidos aos interessados antes de 1º de outubro, o que permitiu o seu estudo pormenorizado por parte de todos aqueles que se propusessem a discutir as comunicações, condição indispensavel para o bom andamento de qualquer reunião científica. A improvisação, as decisões de última hora e demais confusões, tão comuns em congressos e reuniões científicas no nosso país foram **quase** banidas da reunião de Campinas.

Temas apresentados

No dia 12, pela manhã, realizou-se o simpósio sôbre **Recursos Minerais,** presidido pelo prof. Viktor Leinz, que discorreu sôbre Geologia, como Ciência Pura e Aplicada, em que mostrou a dependência estreita que sempre existiu entre os estudos universitários desinteressados, da crosta terrestre, e as descobertas de suas riquezas. Seguiu-se a conferência do prof. Othon Leonardos, sôbre O Perfil Geológico do Brasil, e a do prof. Octavio Barbosa sôbre Minérios de Ferro no Brasil. Na tarde do mesmo dia, o prof. Felix Rawitscher presidiu à sessão de Botânica e Solo, em que os srs. Paiva Neto, Avelar Marques, Ferri, Bitancourt e Silberschmidt apresentaram comunicações originais sôbre solos do Estado de São Paulo, conservação do solo, ecologia vegetal, fito-hormônios, virus de plantas e transpiração do eucalipto. Paralelamente, no mesmo dia, realizou-se, sob a presidência do prof. Gleb Wataghin, a sessão de **Física Geral e Biofísica,** na qual o prof. Sousa Santos fêz uma conferência sôbre as novas instalações (betatron e gerador de Van de Graff) do Departamento de Física da Universidade de São Paulo, e os colaboradores do prof. Carlos Chagas, do Instituto de Biofísica da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, srs. J. Moura Gonçalves e H. Martins Ferreira, apresentaram trabalhos originais sôbre electroforése e peixe elétrico, respectivamente. À noite, na Sociedade de Medicina e Cirurgia, o prof. Olímpio da Fonseca, diretor do **Instituto Osvaldo Cruz,** discorreu sôbre a história e organização do Instituto que dirige e sôbre os planos que vai desenvolvendo para realizar, com os recursos modernos de tôdas as ciências, especialmente da Física e da Química, o sonho de Osvaldo Cruz de assentar o estudo das causas das doenças sôbre os fundamentos sólidos oferecidos pelas ciências experimentais mais exatas. Referindo-se ainda ao ambiente de liberdade de orientação oferecida aos chefes de serviço, predominante nos laboratórios do famoso instituto brasileiro, salientou o prof. Olímpio da Fonseca ter sido sempre essa a tradição do Instituto de Manguinhos desde os tempos de sua criação, há 49 anos. Na mesma reunião, foi discutido o tema Perigos e Vantagens da Unificação de tôdas as Ciências (B. Silberschmidt).

No dia 13, pela manhã, realizou-se o simpósio sôbre o **Papel da Genética no Aperfeiçoamento das Plantas Uteis,** durante o qual o Dr. Carlos A. Krug, do Instituto Agronômico de Campinas, em colaboração com os srs. J. E. T. Mendes, A. Carvalho, D. M. Medina, C. H. Teixeira Mendes e A. J. T. Mendes, apresentaram trabalhos de investigação sôbre a genética do café, os quais constituem a etapa mais recente de longo plano que dura já dezessete anos, para a obtenção de novas variedades de café e, mesmo, descoberta de nova espécie de **Coffea,** no sentido de obter combinações genéticas mais favoraveis ao nosso clima e mais resistentes a pragas. À tarde realizou-se, sob a presidência do prof. Paulo Sawaya, a sessão de **Zoologia e Fisiologia Comparada,** com a apresentação de trabalhos sôbre biologia da saúva (M. Autuori), digestão dos invertebrados (P. Sawaya), coleópteros bibliófagos (M. P. Sawaya), ecologia dos nemertinos (Diva Correia), anaerobiose nos vermes (M. D. Ungaretti) e circulação em Polycheta (Grinkaut).

No dia 14 de outubro, sob a presidência do prof. Lauro Travassos, realizou-se o simpósio sôbre **Genética de Populações e Conceito de Espécie.** Foi lida a conferência do prof. André Dreyfus sôbre Conceitos de Espécie, apresentando-se em seguida, os resultados obtidos pelo prof. Dobzhansky, em colaboração com o Dr. C. Pavan e vários outros pesquisadores, na Universidade de S. Paulo, sôbre Genética de Populações tropicais de **Drosophila,** seguindo-se vivo debate sôbre os conceitos e fatos apresentados pelo comunicante sr. C. Pavan. Falaram ainda, apresentando trabalhos originais, os srs. N. Freire-Maia, G. Schreiber e pe. J. Moure. Terminou a sessão com a apresentação, pelo prof. Frota Pessoa, de interessante comunicação sôbre Conceitos e Preconceitos Raciais, em que salientou a arbitrariedade ou falsidade das teorias racistas que motivaram a última guerra mundial. No mesmo dia realizou-se, sob a presidência do prof. Paulo Galvão, a sessão de **Bioquímica** e **Fisiologia Animal,** com a apresentação de trabalhos sôbre metabolismo basal, síntese proteica e andrógenos, consumo de oxigênio pela cortex renal de ratos em hipertensão arterial, autofarmacologia e venenos animais, experiências de purificação da bradicinina e aplicações da cromatografia em papel de filtro, respectivamente pelos Drs. Paulo E. Galvão, L. C. Junqueira, J. Leal Prado, Rocha e Silva, Eline S. Prado e Sílvia O. Andrade. Foram ainda discutidos trabalhos relativos à ação de venenos botrópicos sôbre a coagulação do sangue (Jansky), ácido lático e descarga elétrica (Carlos Chagas e colaboradores) e fermentos da tireóide (C. R. Diniz).

No último dia do congresso, realizaram-se, simultaneamente, três sessões: a de **Patologia Animal,** sob a presidência do prof. Oto Bier, com a apresentação de trabalhos sôbre influência do inóculo na sensibilidade de germes à penicilina (Bier, Furlanetto e M. Siqueira), modificações hematológicas no choque por venenos animais (Rosenfeld) e no choque pelo sôro antiplaquetas (W. O. Cruz e Moussatché), patogenia das lesões vasculares na chamada hipertensão essencial (Bogliolo), o ciclo extraparasitário do «P. brasiliensis» (Medina e Bodziask), cultura de tripanosoma em cultura de sarcoma fusiforme de Roffo (H. Meyer e Carlos Chagas). Em seguida, foram submetidos à discussão os trabalhos dos Drs. M. D'Apice e A. M. Penha sôbre combate à brucelose, pela vacinação de adultos; das Dras. H. Meyer e M. X. Oliveira, sôbre cultura de plasmódio em cultura de tecido; e do Dr. P. Melo Freire, sôbre agente etiológico em tumores produzidos por virus.

A segunda sessão da manhã, sob a presidência do dr. H. S. Lepage, foi a de **Fitopatologia** e **Entomologia Econômica,** em que usaram da palavra

a Dra. Vitória Rossetti, sôbre a influência do estado de vegetações de laranjeiras doces sôbre lesões de **Phytophtora**; H. S. Lepage, sôbre natureza e modo de ação dos inseticidas modernos; e Anderson de Andrade, sôbre fungicidas modernos. Numa terceira dependência do Instituto Agronômico funcionou a sessão de **Bioquímica e Fisiologia**, sob a presidência do prof. J. Ribeiro do Vale, na qual foram apresentados trabalhos sôbre corticosteróides urinários (Ribeiro do Vale), ação do frio, jejum e adrenalectomia sôbre o fibrinogênio (O. B. Henriques e S. B. Henriques), reação do coração dos escorpiões às drogas coli e adrenérgicas (B. M. Soares), acetilcolina e descarga do peixe elétrico (L. Sollero), ferro no sôro e meios de determiná-lo (R. S. Pereira), hormônios gonadotróficos e reprodução do hamster (M. I. Mello) e conteúdo mineral do sangue dos invertebrados (D. Valente).

Noutra secção dêste número publicamos os resumos da quasi totalidade das comunicações apresentadas em Campinas.

Seminário de Estatística

Em duas tardes, realizou-se um **Seminário de Estatística**, sob a presidência dos Drs. A. A. Bitancourt e prof. Freitas Bueno, durante o qual foram apresentados trabalhos sôbre planejamento de experiências (C. G. Fraga e W. L. Stevens), tratamento matemático de relações humanas (Toledo Piza) e função discriminante (A. A. Bitancourt). No segundo dia, foram apresentados os trabalhos «Papel da Estatística na Elaboração das Leis Econômicas» (L. Freitas Bueno), «Delineamentos Modernos» (W. L. Stevens e L. O. T. Mendes) e «Determinação do Potencial Biótico da Broca do Café». Diariamente, de 17 às 18,30 horas, foram passados filmes de valor educativo, alguns realizados pelos nossos cientistas e outros cedidos pelo consulado americano e pelo Conselho Britânico.

Almoços e jantares «especializados»

Durante o Congresso de Campinas foram realizados almoços e jantares dos Físicos e Geólogos; dos Geneticistas, Botânicos e Fitopatologistas; dos Médicos e Patologistas; dos Fisiologistas, Bioquímicos e Zoólogos e dos Estatísticos, no intuito de estabelecer contacto mais íntimo entre especialistas de vários pontos do País. Falaram nessa ocasião os profs. Wataghin, Schreiber, Rocha Lima, Braun-Menendez e Bitancourt. Depois da sessão de encerramento, realizou-se o almoço de confraternização, no Bosque dos Jequitibás.

REVISTA «CIÊNCIA E CULTURA»

BALANCETE - DEZEMBRO 1949

Volume 1, números 1-2, 3 e 4 (1949)

Custo dos ns. 1 e 2, 1.500 exemplares impressos na «Impressora IPSIS S. A.» Rua Silva Bueno, 2125, com 80 páginas de texto		12.750,00
Clichés para capa e texto		953,30
Separatas de artigos		725,00
Faixas para remessa		250,00
Registro da marca		400,00
Custo de 1.500 exemplares do n. 3, com 96 pp. de texto		14.610,00
Clichés para o texto		1.055,30
Separatas de artigos		2.125,00
Faixas para remessa		250,00
Nove clichés para o n. 4		286,00
Ordenado do auxiliar da redação, dez meses a Cr$ 500,00		5.000,00
Custo do n. 4, com 92 pgs. de texto		14.262,50
Clichés		198,90
Despesas postais		630,00
Anúncios recebidos, publicados nos ns. 1, 2, 3, 4	5.733,20	
Comissão ao cobrador de anúncios		1.146,60
Donativo recebido do Exmo. Sr. F. Pignatari	50.000,00	
	55.733,20	57.329,50

São Paulo, 5 de Dezembro de 1949.
Paulo Sawaya - Tesoureiro.

Conferências

No dia 11 de novembro do ano passado realizou-se, sob os auspicios da Sociedade, no anfiteatro do Instituto Biologico de São Paulo, a conferencia do Prof. Frederico R. Lachmann, da Universidade Hebraica de Jerusalem, sobre «A luta contra o deserto».

No dia 17 do mesmo mês, realizou-se no Instituto Biologico de São Paulo, um simposio sobre problemas de biofisica com a apresentação dos seguintes trabalhos: Prof. Carlos Chagas - «Fronteiras crescentes da biofísica»; Prof. S. Matias - «Determinação do peso molecular pela constante dieletrica»; dr. J. Moura Gonçalves - «Electroforese de proteinas».

No dia seguinte, na Escola Paulista de Medicina, realizou-se a conferencia do prof. E. Braun-Menendez, de Buenos Aires, sobre «Metabolismo da agua e dos electrolitos em animais com hipertensão arterial».

«Bolsa Lederle» para estudos de Farmacologia e Quimioterapia

A firma Barroso e Walter S. A. Indústria e Comércio, representantes no Brasil da Lederle Div.

SBPC

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Fundação e crescimento da SBPC

Em maio de 1948 um grupo de cientistas e amigos da ciência decidiu fundar, no Brasil, uma Sociedade para o Progresso da Ciência, nos moldes das que já existem em outros paises. O movimento, iniciado em São Paulo, propagou-se ràpidamente e na primeira Assembléia Geral da Sociedade, em 8 de novembro de 1948, quando foi assinada a Ata de Fundação, a SBPC já contava com 265 sócios. Desde essa data o número de sócios tem crescido ininterruptamente, quase à razão de um por dia; no momento, com pouco mais de três anos de existência, a SBPC conta com 100 sócios, nos Estados de Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e no Distrito Federal. Cientistas, técnicos, profissionais, amigos da ciência, estudantes, pessoas dos mais diversos interêsses, mas que acreditam na importância da ciência, residentes nas grandes cidades ou em centros menores como Alfenas, Viçosa, Ponta Grossa, Londrina, Piracicaba, Campinas, etc., fazem parte da SBPC. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, como as suas congêneres, a Americana, a Argentina, a Britânica, a Francesa e outras, não é uma agremiação de técnicos e cientistas. Nenhuma qualificação técnica é exigida para admissão como sócio, mas tão sòmente o desejo de contribuir de algum modo para o Progresso da Ciência no País. A direção da Sociedade, formada pela Diretoria e pelo Conselho, embora não precise estar obrigatòriamente em mãos de cientistas, no momento conta com grande maioria de cientistas brasileiros em plena atividade, distribuidos por vários Estados da Federação.

Objetivos da SBPC

Os objetivos visados pela SBPC vêm claramente expostos nos seus estatutos: «apoiar e estimular o trabalho científico, melhor articular a ciência com os problemas de interêsse geral, relativos à indústria, à agricultura, à medicina, à economia, etc.; facilitar a cooperação entre os cientistas; aumentar a compreensão do público em relação à ciência; zelar pela manutenção de elevados padrões de ética entre os cientistas; mobilizar os cientistas para o trabalho sistemático de seleção e aproveitamento de novas vocações científicas, por meio do ensino post-graduado, extra-universitário, etc.; defender os interêsses dos cientistas, tendo em vista a obtenção do reconhecimento do seu trabalho, do respeito pela sua pessoa, de sua liberdade de pesquisa, do direito aos meios necessários à realização do seu trabalho, bem como do respeito pelo patrimônio moral e científico representado pelas suas realizações e projetos de pesquisa; bater-se pela remoção de empecilhos e incompreensões que entravam o progresso da ciência, etc.»

Meios para atingir os objetivos

Evidentemente, diante de um programa tão vasto e aparentemente tão complexo pode-se perguntar como pretende a SBPC atingir os seus objetivos. A resposta a essa questão é difícil. Êsses problemas existem em todos os lugares do mundo, mesmo nos paises mais avançados no que se refere à ciência e à técnica. Muitos deles já foram em parte superados pela ação persistente de associações da mesma natureza da SBPC, mas outros ainda constituem sérios empecilhos ao progresso da ciência. Se tais problemas são universais, devemos procurar em outros paises sugestões para resolvê-los ou procurar resolvê-los. Nesse sentido, o papel que desempenham as Associações para o Progresso da Ciência é considerável. Por meio de publicações, conferências de divulgação, cursos intensivos, representações aos governos, mas sobretudo pelas suas Reuniões Anuais, as Associações para o Progresso da Ciência conseguem estabelecer um contacto íntimo entre cientistas de todas as especialidades — matemáticos, astrônomos, físicos, geólogos, químicos, biologistas, agrônomos, filósofos — assim como entre êles e o público em geral. Nisso, distinguem-se das academias ou das socie-

dades especializadas. Poder-se-ia ainda perguntar como pode a SBPC ajudar a ciência no Brasil se para isso não dispõe de meios suficientes, numa época em que cada vez mais a ciência se torna um campo de ação dos governos. Realmente a SBPC mantém a sua independência absoluta de qualquer interferência governamental. A sua posição é a de crítica construtiva dos atos do govêrno, sem que para isso precise dispôr de qualquer poder oficial. As pessoas que orientam, no momento, a Sociedade estão compenetradas de que nem todas as dificuldades por que passa a Ciência no Brasil derivam da interferência do Govêrno, mas antes da incompreensão do meio em relação às coisas da ciência. Os governos são às vezes aconselhados por pessoas que, talvez de boa fé, mal orientam sua atuação, por não estarem a par da tremenda importância que a ciência adquiriu no mundo moderno. Não raro são pessoas de cultura livresca, que confundem a verdadeira com a meia-ciência e prejudicam instituições científicas, o País e os seus compatriotas, pela insistência com que chamam a si a solução de problemas que sòmente a cooperação dos verdadeiros cientistas poderia resolver.

«Ciência e Cultura»

A SBPC nos seus três anos de existência publicou dois volumes de sua revista «Ciência e Cultura», cuja publicação foi custeada por uma doação do industrial Francisco Pignatari, sócio honorário da Sociedade, e iniciou a publicação do terceiro volume. São aproximadamente 800 páginas, onde os nossos cientistas contribuem para vulgarizar a ciência, emitem pontos de vista de interêsse para a evolução da ciência, apresentam notas originais sôbre o trabalho já considerável que realizam no país. «Homens e Instituições», «Livros e Revistas» e «Noticiário» são seções que completam a contribuição de «Ciência e Cultura» para tornar a ciência mais conhecida de todos os que a consultam. Pela natureza do material publicado, «Ciência e Cultura» é, talvez, o único periódico que dá uma vista de conjunto do movimento científico brasileiro. A orientação editorial da revista em relação aos artigos gerais tem sido até hoje a de pedi-los aos cientistas mais especializados em cada um dos setores de interêsse da SBPC, entre os quais se procura manter equilíbrio.

Conferências e Cursos

Além do seu órgão oficial, a SBPC procura realizar os seus objetivos por meio de conferências de cientistas nossos, ou estrangeiros que se encontram de passagem. Durante os três anos de existência, a SBPC realizou mais de 40 conferências públicas, nas quais homens de ciência como H. da Rocha Lima, A. Ozório de Almeida, Cesar Lattes, J. Leite Lopes, Marcelo Damy de Souza Santos, Oscar Sala, Jayme Tiomno, Oto Bier, F. G. Brieger, H. Rheinboldt, G. Wataghin e muitos outros têm tratado de assuntos tão variados como a ética do cientista, valor da ciência, produção artificial de mesons, partículas elementares em física, teoria da relatividade, Vital Brasil e o Instituto Butantan, origem do milho, Berzelius, origem do universo. Dentre os conferencistas estrangeiros, de visita ao nosso País, destacaram-se M. Bürger, do Instituto Tecnológico de Massachusetts; J. Trefouel, diretor do Instituto Pasteur de Paris; B. A. Houssay, prêmio Nobel de Fisiologia; Young e Pantin, professores em Cambridge; Caspersson, professor em Estocolmo; Teorell, professor em Uppsala, Suécia, e muitos outros. Em 1951 a SBPC já patrocinou várias conferências como a do prof. Charles H. Best, de Toronto, descobridor da insulina e diretor do Instituto de Pesquisas Médicas Banting e Best da Universidade de Toronto, e, ùltimamente, a do prof. Leloir, de Buenos Aires. A SBPC tem também realizado vários cursos: de estatística, de matemática e, no momento, um curso sôbre técnicas especializadas de laboratório.

Reunião Anual

A linha mais importante de atividades da SBPC tem sido, entretanto, a das Reuniões Anuais. Nos seus três anos de existência a SBPC realizou duas Reuniões Anuais, a primeira em Campinas, em Outubro de 1949 e a segunda em Curitiba, em Novembro de 1950. A terceira Reunião Anual está programada para Novembro próximo, em Belo Horizonte. E' nas reuniões anuais que a Sociedade realmente se exterioriza em tôda a sua plenitude. A cidade onde se vai realizar a Reunião Anual é escolhida judiciosamente, pelos seus caracteres culturais e posição geográfica. A idéia diretriz tem sido a de escolher uma cidade que comporte uma reunião de 200 a 300 pessoas interessadas na ciên-

Outras associações para o progresso da ciência

A idéia de congregar cientistas de todas as especialidades não é, entretanto, nova. A primeira Associação dessa natureza foi creada na Alemanha em 1822, com o nome de *Deutscher Naturforscher Versammlung* que realizou a primeira Reunião Anual em Leipzig, naquele mesmo ano. Depois de reuniões sucessivas em Halle, Würtsburg, Frankfort e Dresden, a Sociedade se reuniu em 1827, em Munich já com a aprovação e auxílio do govêrno alemão. Em bases análogas foi fundada a Associação Britânica para o Progresso da Ciência (BAAS) que realizou a sua primeira Reunião Anual em 1831, em York. Foi então explicada pùblicamente a origem e objetivos da Associação: «dar mais forte impulso e direção sistemática às pesquisas científicas, obter um grau mais elevado de atenção nacional para os objetos da ciência e procurar remover as desvantagens que impedem o seu progresso e promover melhor entendimento entre os cultores da ciência, entre si e com os «filósofos» estrangeiros». Durante os 120 anos que sucederam, as reuniões da BAAS têm constituido o palco onde as descobertas da ciência Britânica são expostas de maneira a interessar o grande público e também de maneira a sofrer a crítica construtiva (ou destrutiva) de outros cientistas ou apenas pessoas cultas. Professores de todas as categorias, pessoas das famílias dos cientistas, técnicos, populares do local onde se realizam as reuniões, afluem aos locais das conferências por assim dizer em massa. Pode-se compreender a alteração que pode causar a afluência para uma mesma cidade de 3.000 a 4.000 pessoas com fortes interêsses culturais e científicos.

A Associação Americana foi creada com objetivos semelhantes em 1849, tendo comemorado recentemente o seu primeiro centenário. As Reuniões Anuais da AAAS atingem proporções ainda mais gigantescas do que as da BAAS. Um aspecto interessante nas reuniões da *American Association* é a realização simultânea de reuniões de Sociedades especializadas, filiadas à AAAS. Se levarmos em conta todos os associados de tais sociedades filiadas, sobe a cêrca de um milhão o número de pessoas que, de algum modo, estão ligadas à AAAS. A Associação Francesa foi fundada em 1871, quase como um resultado da derrota francesa nos campos de batalha, geralmente atribuida na época à arrasadora supremacia alemã nas Ciências. O grande fisiologista francês

Claude Bernard, foi um dos fundadores da Associação Francesa. Mais recentemente fundou-se as Associações Sul Africana, Canadense, Australiana, Indiana e, ainda recentemente, a Argentina, a Uruguaia, Venezuelana e Equatoriana.

Associações para o progresso da ciência e UNESCO

A importância que tais Associações adquirem atualmente pode ser fàcilmente avaliada pelo interêsse que tem manifestado a UNESCO na creação de novas Sociedades e de estabelecer intercâmbio mais íntimo entre as já existentes. Em Setembro de 1950 reuniram-se em Paris, cêrca de 14 Sociedades para o Progresso da Ciência, na I Reunião Internacional de Associações para o Progresso da Ciência. A Reunião se realizou no edifício da UNESCO, sob os auspícios do Departamento de Ciências Naturais e Exatas. Os principais animadores dêsse movimento de aproximação foram o prof. P. Auger e dr. Borge Michelson. Ficou então decidido que a Secretaría da UNESCO em Paris tomasse a si o encargo de estabelecer um contacto permanente entre tais Associações, constante de trocas de publicações, de conferências durante as Reuniões Anuais, de um calendário de todos os acontecimentos da vida de tais Associações, etc. A SBPC teve papel saliente, não só sugerindo temas para a discussão, como ainda na direção dos trabalhos, cuja presidência coube ao seu representante.

Julho de 1951.

Servirá êste livro para registro das atas das Assembléias Gerais e das Reuniões do Conselho e da Diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

São Paulo, 10 de Julho de 1957

F. J. Maffei

Presidente

As Atas das Assembléias Gerais são registradas em livro próprio.
São Paulo, 1º de agosto de 1963
Wolfgang Rüchel
Secretário Geral

18

Assembléia geral para apuração e eleição da Diretoria para o biênio de 1955/1957 e renovação do Conselho.

Aos vinte e seis de março de 1955 reuniram-se na dependências do Departamento de Fisiologia Geral e Animal realizou-se a Assembléia Geral para apuração da eleição da Diretoria e Conselho Fiscal e eleição de seus Conselheiros. Foram escrutinadores os Drs. Erasmo Garcia Mendes, Luciano Velloso, Maria Dolores Vieira Gonçalves, Renato Ferreira e Maria Aparecida Engelbert. Esteve presente o Tesoureiro Dr. Adolpho Martins Penha. Foram contados 346 votos e apurados 346. O resultado da apuração foi o seguinte: para presidente: Prof. Anisio Teixeira, Vice-Presidente: Dr. Mauricio Rocha e Silva; Secretário Geral: Dr. Paulo Sawaya; Tesoureiro: Dr. Adolpho Martins Penha; Secretário: Dr. Erasmo Garcia Mendes. Foram eleitos os seguintes Conselheiros: Otavio Mangabeira, Fabio Leite, Oswaldo Frota Pessoa, Arquimedes Guimarães, Benedito Castrucci, Bento Queiroz Galhardo, Paulo Sawaya, Carlos Guimarães, Celso Jaeger, Constantino Braga, Djalma Guimarães, Edgard Teixeira Leite, Florestan Fernandes, Frederico Briggs, Jaime Tavares, Jesus Soares, Jorge Leite, Luiz Carlos Junqueira, Mario Guimarães Ferri, Maria Schenberg, Newton Freire Maia, Sebastião Baeta Henriques, Walter Oswaldo Cruz. Para constar eu Secretário Geral, lavrei a presente ata que vai por mim assinada.

São Paulo, 26 de março de 1955

Paulo Sawaya

Ata da Assembléia Geral de posse da Diretoria realizada no dia 26 de Março de 1955, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

F. Fernandes

Antonio Rubbo Müller

Octavio G. de Oliveira Santos

A. M. Cardoso

Gilberto Valente

Ana Amélia Ancona Lopez

Erasmo J. Mendes

Fleté de Alcantara

Ruth Monteiro Lobato

Mario Schenberg

Mario Stefanini

Paulo Sawaya

H. Rheinboldt

A. M. Penha

Carolina Martuscelli Bori

Arrigo L. Angelini

H. Hauptmann

Entre a presença de todos os sócios supra realizou-se a posse da nova diretoria que dirigirá a Sociedade no biênio 1955 a 1957. O Prof. Dr. H. Rheinboldt abriu a sessão e solicitou do secretário geral e do tesoureiro a leitura dos respectivos relatórios. Ambos os relatórios, depois de lidos, foram aprovados por unanimidade sem discussão. A seguir o Sr. presidente lê os nomes dos novos diretores da Sociedade declarando-os empossados. Por os respectivos empossamento da nova diretoria

11

Presidente: Anísio Teixeira; Vice-presidente: Dr. Mauricio Rocha e Silva (ausente, na Europa); Secretário Geral: Paulo Duarte (reeleito); Secretário: Erasmo Garcia Mendes e Tesoureiro: Adolpho Martins Penna. Empossada a nova Diretoria o Prof. H. Rheinboldt imediatamente a presidência ao Prof. Anísio T. Teixeira. A seguir o novo presidente proferiu uma Conferência sôbre: "Ciência e Humanismo".

Nada mais havendo a tratar, encerrou a sessão da qual lavrei a presente ata.

Paulo Duarte
Secretário Geral.

*

Ata da Reunião da Diretoria e do Conselho realizada no dia 14 de Outubro de 1955 no auditório de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Presentes: Mauricio Rocha e Silva, Paulo Duarte, Adolpho Martins Penna, Erasmo Garcia Mendes, H. Rheinboldt e Metry Bacilla, estes dois últimos Secretários respectivamente do Rio de Janeiro e de Curitiba. Justificou sua ausência o Presidente Prof. Anísio Teixeira, que se representou pelo Dr. Haity Moussatché. Esteve presente também o Dr. C. Lavan

O objetivo da reunião foi o de estudo da reforma dos Estatutos, conforme convocação feita em 26 de Setembro.

Iniciou-se a discussão do assunto. Foram feitas várias sugestões ao projeto, decidindo-se enviar o novo projeto à apreciação e crítica dos Sócios.

Nada mais havendo a tratar encerrou-se a reunião de que lavrei a presente ata.

São Paulo, 14 de Outubro de 1955

Paulo Duarte
Secretário

ALFREDO FIRMO DA SILVA
4.º TABELIÃO
RUA DA QUITANDA, 86
SÃO PAULO

BEL. ANTONIO A. FIRMO DA SILVA
SUCESSOR

BEL. EULALIO FIRMO DA SILVA
SUBSTITUTO

Fernando Antonio A. Firmo da Silva,

Serventuario sucessor do oficio do quarto Tabelião de Notas da Comarca da Capital do Estado de São Paulo, da República dos Estados Unidos do Brasil, na fórma da lei, etc., etc.,

Publica-Fórma

Saibam quantos este público instrumento virem, que no ano de mil novecentos e cincoenta e seis (1956), aos quinze (15) dias do mês de Março, nesta cidade de São Paulo, em meu cartório perante mim Tabelião, compareceu parte interessada e me exibiu um livro de Atas da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, do qual pediu-me que lhe extraisse por pública fórma a Ata constante às fôlhas dezoito verso (18vº), cujo teôr é o seguinte:- Ata da Assembléia Geral de posse da Diretoria realizada no dia 26 de Maio de 1955, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de S. Paulo, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. (a.a.) F. Fernandes.- Antonio Rubbo Müller.- Oliverio M. de Oliveira Pinto.- D. M. Cardoso.- Domingos Valente.- Ana Amélia Ancona Lopez.- Erasmo G. Mendes.- Glete de Alcantara.- Ruth Monteiro Lobato.- Mario Schönberg.- Anisio S. Teixeira.- Paulo Sawaya. H. Rheinboldt.- A. M. Penha.- Carolina Martuscelli-Bori.- Arrigo L. Angelini.- H. Hauptmann.- Com a presença dos socios supra realizou-se a posse da nova diretoria que dirigirá a Sociedade do biênio 1955 a 1957. O professor H. Rheinboldt abriu a sessão e solicita do Secretário Geral e do tesoureiro a leitura dos respectivos relatórios. Ambos os relatórios, depois de lidos, foram aprovados por unanimidade sem discussão. A seguir o sr. presidente lê os nomes dos novos diretores da Sociedade declarando-os empossados. São os seguintes os componentes da nova diretoria: (Segue às fls. 19) Presidente: Anisio Teixeira; Vice-presidente: Dr. Mauricio Ro-

ARQUIVO EM CASA FORTE

.-.-.-

NOTICIÁRIO da SBPC

Simpósio sôbre a "Utilização da energia atômica para fins pacíficos no Brasil"

Em Março do ano passado, no Simpósio sôbre "A Situação da física atômica no Brasil", promovido pelo grupo de físicos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em colaboração com várias instituições científicas do país, recomendou-se, nas conclusões finais, a necessidade de construção no país de um reator experimental a fim de dar maior incentivo aos estudos das aplicações pacíficas da energia atômica.

Decorrido um ano daquela reunião, vários motivos fizeram que a questão merecesse uma nova análise por todos os interessados no assunto.

A conferência de Genebra para a utilização da energia atômica para fins facíficos, os acôrdos assinados pelo Brasil neste campo, a possibilidade de instalação de um (ou mais de um) reator atômico no Brasil, ampliaram as perspectivas do problema e mostraram cada vez mais premente necessidade que os nossos físicos, geólogos, radioquímicos, os homens de ciência em geral e outras autoridades do país estudassem os pontos do problema que necessitam uma solução de conjunto.

Para êsse fim, a S.B.P.C. promoveu um Simpósio sôbre "A utilização da energia atômica para fins facíficos no Brasil, entre 25 e 27 de abril do corrente ano, na Faculdade Nacional de Filosofia, na capital do país, o qual obedeceu o seguinte programa:

Quarta-feira 25 de Abril

Recursos atômicos do Brasil e sua Industrialização.

Presidente — Prof. ANISIO TEIXEIRA.

Oradores — S. VILAR GUEDES: Principais ocorrências de urânio no Brasil.

E. TÁVORA: Mineralogia dos depósitos de urânio e tório.

MAFFEI: Problemas da produção de urânio no Brasil.

Convidados especiais para debater os problemas: DJALMA GUIMARÃES, OTTO LEONARDOS, E. PUCHIN, COSTA RIBEIRO, A. ERICKSEN, V. LEINZ, L. J. MORAIS, A. ALBERTO.

Quinta-feira 26 de Abril

Desenvolvimento da Energia Atômica no Brasil.

Presidente — A. MOSES.

Oradores — LEITE LOPES: A pesquisa em física atômica e sua importância no desenvolvimento do país.

U. CAMERINI e J. GOLDEMBERG: Preparação de pessoal a ser utilizado nos Institutos, Universidades e Organizações, que necessitem cientistas e técnicos dedicados à física atômica e nuclear.

JONAS SANTOS: Reatores de potência.

Convidados especiais para debater os problemas: P. A. POMPÉIA, H. G. CARVALHO, O. SALA, J. TIOMNO, M. DAMY, P. SARAIVA, FAUSTO LIMA, DAGOBERTO SALES, E. MOTA REZENDE, J. DANON, CINTRA DO PRADO, W. SCHUTZ e M. SCHEMBERG.

Sexta-feira 27 de Abril

Diretrizes para o desenvolvimento da energia atômica no Brasil.

Presidente — H. GRILLO.

Oradores — MARCELO DAMY: O programa atômico Brasileiro.

COSTA RIBEIRO: A Energia Atômica e a Coop. Internacioal.

Convidados à discussão: DAGOBERTO SALLES, SCHEMBERG, LEITE LOPES, CINTRA DO PRADO, H. ALBERTO, BERNARDINO DE MATTOS.

Os debates em tôrno dos tópicos focalizados na 1a. sessão do Simpósio, sobretudo em virtude do comparecimento de alguns dos mais acatados geólogos brasileiros e do caráter extremamente controverso do problema dos minerais atômicos brasileiros, foram por vêzes extremamente acalorados. Não obstante, porém, o ceticismo não raro até irônico de alguns, parece ter prevalecido a ponderada opinião dos que, sem apelar para um nacionalismo exacerbado, tornaram bem claras as nossas possibilidades e realçaram a valorização das nossas reservas naturais.

Na 2.a sessão coube ao físico LEITE LOPES falar sôbre o primeiro item, o que fêz dando uma visão geral do desenvolvimento da física atômica no mundo e da evolução das pesquisas no Brasil, que começaram em São Paulo, com o movimento de um grupo que se dedicou aos estudos da radiação cósmica. Vieram, depois, trabalhos de pesquisas teóricas. Depois da última guerra cresceu no mundo inteiro o interêsse pelo desenvolvimento das pesquisas e, no Brasil, criou-se o Conselho Nacional de Pesquisas.

Referiu-se o físico LEITE LOPES às dificuldades que enfrentavam os cientistas no domínio da física atômica, pois as pesquisas se mantinham em segrêdo. E acentuou que êsse segrêdo não poderia ser mantido, porque era prejudicial aos próprios países que o determinaram e porque em ciência não pode haver segrêdo. Outros países menores, como a França, passaram a desenvolver os seus trabalhos com a fabricação de reatores.

E a partir do ano passado, com a conferência de Genebra, houve uma mudança radical, com novas perspectivas para as pesquisas atômicas, que assumiram papel importantíssimo para o desenvolvimento industrial. No Brasil, trabalhos de pesquisas já haviam começado com o "Betratron", na Universidade de São Paulo. A pesquisa atômica pròpriamente dita pode ser começada com a instalação do reator experimental, que servirá para o treinamento de muitos técnicos. Já possuímos um grupo de físicos e pesquisadores e já é possível pensarmos num programa atômico. Entretanto, é importante que êsse programa encontre o apôio material necessário, inclusive o estímulo aos pesquisadores. O físico LEITE LOPES falou finalmente sôbre a importância dos vários ramos da física, como a eletrônica, a metalurgia etc., para o desenvolvimento das pesquisas físicas.

Dois oradores falaram sôbre a necessidade da formação de cientistas e técnicos que se dediquem à física atômica e nuclear: os srs. U. CAMERINI e J. GOLDEMBERG. Êste considerou desnecessária a criação de novos órgãos, o que traria um sério problema, pois já não dispomos de verbas suficientes para os que existem atualmente. Referiu-se à escassez de verbas na Universidade de São Paulo e à falta de auxílio oficial para a formação das equipes necessárias. Citou o exemplo do Canadá, onde o pesquisador recebe todo o auxílio necessário, num período de três anos, findo o qual continuará recebendo os auxílios que solicitar, se os seus trabalhos forem considerados satisfatórios. E, em caso contrário, passará igual período sem nenhum auxílio, porque se considera que a causa da falta de êxito estava no pesquisador. Mesmo assim outra oportunidade se lhe oferece, depois dêsses três anos de ostracismo. O sr. U. CAMERINI foi mais além, encarando a necessidade da formação de equipes, sem o que não poderíamos pensar no desenvolvimento da nossa ciência, que se assemelha a uma plantinha muito delicada, que não crescerá sem os cuidados necessários. Disse que, se o programa atômico consistir na compra de reatores de potência, já prontos para aqui funcionar, o trabalho dos cientistas será muito pequeno e isto não seria solução, pois não daria oportunidade à formação de homens de ciência. Observou que até hoje não houve um planejamento visando o desenvolvimento da ciência em nosso País, e que "o futuro do Brasil não será energia atômica, mas os seus homens".

O prof. P. A. POMPÉIA debateu êsse têma e indicou as seguintes medidas práticas que devem ser adotadas: aproveitamento do pessoal universitário e dos estudantes nas Universidades, propaganda junto aos estudantes do curso médio e aos professôres do curso secundário; tempo integral para os que já trabalham nas Universidades, bôlsas para os estudantes etc. Observou que os estudantes são vítimas de falta de orientação e da dispersão de esfôrços, pois muitos que desejariam dedicar-se aos estudos são obrigados a trabalhar para estudar. Por outro lado, os professôres dedicam-se mais às suas pesquisas do que à formação dos seus alunos, considerando as aulas teóricas desnecessárias. Há também a crença de que o cientista no Brasil morre de fome e, por isso, os moços que demonstram pendor para a ciência se encaminham mais para as escolas de engenharia.

Debatendo ainda o mesmo têma falou o professor M. SCHEMBERG, que dentre os erros do meio científico brasileiro citou o grupismo, salientando o perigo que representa para o nosso desenvolvimento a criação de grupos entre os homens de ciência. Afirmou que o Conselho Nacional de Pesquisas jamais foi o representante da ciência brasileira. E lembrou que nesse órgão houve duas fases em prejuízo das pesquisas científicas: a fase LATTES e a fase anti-LATTES. Para conseguir-se alguma coisa no Conselho Nacional de Pesquisas era preciso pertencer ao grupo que estivesse dominando. Surgiram, então, críticas sôbre esbanjamento de dinheiro no Conselho.

Observou o professor SCHEMBERG que os oradores CAMERINI e GOLDENBERG não tiveram a sensação do momento histórico que atravessamos e lhes faltou uma visão ampla do problema. Disse que estamos diante de um problema do qual não podemos fugir e que não é de nossa escolha. O Brasil precisa desenvolver-se no campo das pesquisas e da física atômica, e podemos realizar um programa encarando apenas a formação de cientistas brasileiros. As duas coisas têm de ser feita a um tempo. A formação de físicos e técnicos, como entendem aqueles dois oradores, e a importação de cientistas e reatores de potência para o progresso imediato da energia atômica em nosso País e sua utilização no desenvolvimento da indústria.

Na sua terceira e última reunião, falaram dois oradores: o professor MARCELO DAMY, sôbre o programa atômico brasileiro, e o professor COSTA RIBEIRO, sôbre a energia atômica e a cooperação internacional. Alongaram-se os debates em tôrno dêsses dois têmas e alguns físicos definiram pùblicamente a sua posição no que diz respeito à exportação dos materiais atômicos do nosso País. Na sua maioria, os físicos são contrários a que se exportem êsses materiais como mercadorias de um comércio comum, com o objetivo único de adquirir cambiais. Mas concordam com a exportação que traga benefícios ao próprio desenvolvimento da física atômica no Brasil. Alguns são contrários a qualquer tipo de exportação, tendo-se o professor MARIO SCHEMBERG declarado contra a troca de reatores por minérios estratégicos em face dos preços baixos da monazita, do tório e do urânio.

Na sua oração, o professor MARCELO DAMY deu em linhas gerais o plano para o desenvolvimento das pesquisas no Brasil e as verbas que serão distribuidas aos diversos setores, cabendo ao Instituto de Energia Atômica, de que é diretor, uma quota de dez milhões de cruzeiros por ano. O professor CAMERINI observou, durante os debates, que êsse plano não foi discutido por todos os físicos, o que seria mais proveitoso para a sua aplicação. Explicou, então, o professor DAMY que o plano foi elaborado à pressa e será ainda submetido à discussão nos seus pormenores pela Comissão de Energia Atô-

mica, que terá oportunidade de convocar a todos que desejem oferecer a sua contribuição.

O professor COSTA RIBEIRO falou sôbre o desenvolvimento da física atômica no mundo e a cooperação entre os países, inclusive a Rússia e os Estados Unidos, visando a utilização da energia atômica para fins pacíficos. Referiu-se à recente reunião de Washington para a elaboração dos estatutos da Agência Internacional de Energia Atômica, reunião de que participou como assessor científico da delegação brasileira. Expôs os resultados dessa reunião, revelando que o reator experimental a ser instalado na Universidade de São Paulo, mediante um acôrdo com os Estados Unidos, custará mais de 700 mil dólares e sòmente a Comissão de Energia Atômica norte-americana, a título de cooperação, contribuirá com a importância de 350 mil dólares. Lamentou que no Brasil se venha discutindo apaixonadamente a questão de exportação de materais estratégicos num tom quase agressivo a países com os quais mantemos as melhores relações, enquanto as maiores potências, inclusive no desenvolvimento da física atômica, como os Estados Unidos e a União Soviética, já chegam a uma harmonia, como ocorreu na reunião de Washington.

O físico LEITE LOPES, salientou a importância da colaboração entre os físicos e a divulgação dos acôrdos para que a própria opinião pública tomasse conhecimento do que se está realizando. Entende que as reuniões secretas que ainda se realizam devem ser reduzidas ao mínimo.

O professor DAMY esclareceu que a comissão de energia atômica decidiu pela divulgação dos acôrdos. Mas, entrou em entendimento com o Itamarati por entender que caberia à pasta das Relações Exteriores tal iniciativa. E a divulgação teria sido feita o ano passado.

Reafirmando os seus pontos de vista revelados na reunião anterior, o professor SCHEMBERG considerou insuficientes as verbas do plano exposto pelo seu colega DAMY.

*

SIMPÓSIO SÔBRE BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA

Promovido pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e pelo Conselho Nacional de Pesquisas, representado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação realizou-se em São Paulo, de 24 a 28 de fevereiro p. p. um "Simpósio sôbre Bibliografia e Documentação Científica", com a cooperação da Associação Paulista de Bibliotecários e do IBECC (Unesco). Têmas da mais alta importância foram debatidos, como: Problemas bibliográficos dos cientistas e bibliotecários; Formação profissional de bibliotecários e documentaristas; Mecanização bibliográfica; Soluções imediatas para os problemas de bibliografia e documentação no Brasil, etc.

Compareceram representantes da Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Após as discussões, os participantes do Simpósio apresentaram várias sugestões, dentre as quais se destacam: 1. Anexação da Escola de Biblioteconomia à Universidade; 2. Revisão do sistema de compras de livros e periódicos pelas bibliotecas de instituições governamentais; 3. Uniformização da catalogação de leis; 4. Isenção de taxas alfandegárias na aquisição de livros e revistas; 5: Inclusão do têma: a Bibliografia Científica nas Reuniões Anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Tôdas as sugestões serão submetidas à apreciação do Conselho e da Diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que elegerá dentre elas as que julgar exequíveis e de maior oportunidade.

O programa desenvolvido durante o Simpósio foi o seguinte:

A. CONFERÊNCIAS:

Dia 24 — 20.30' hs. Abertura do Simpósio: "Os problemas bibliográficos dos cientistas e pesquisadores". Prof. Dr. Paulo Sawaya, Dr. Herman Lent. Comentadores: Prof. Dr. Renato Locchi e Dr. Otto Schubart.

Dia 25 — 20.30' hs.: "O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação". Lydia de Queiróz Sambaquí.
21.30' hs.: "Sistematização da Documentação". Edson Nery da Fonseca.

Dia 27 — 20.30' hs.: "Documentação Fotográfi". Dr. Milton Cardoso de Siqueira, Snr. Guelfo O. Campiglia.

Dia 28 — 20.30' hs.: "Soluções imediatas para os problemas de bibliografia e documentação no Brasil". Maria José Lessa da Fonseca, Dr. Mário Viana Dias.

B. PANEL:

Dia 25 — 10.00' hs.: "A formação profissional de bibliotecários e documentalistas". Moderador: Prof. Luiz Cintra do Prado; 1.º Relator: Luiza Fonseca; 2.º Relator: Adelpha R. Figueiredo; 3.º Relator: Bernardete S. Neves. 1.º Membro: Guiomar Carvalho Franco; 2.º Membro: Sully Brodbeck.
16.00': "Mecanização Bibliográfica". Moderador: Dr. José Ribeiro do Valle; 1.º Relator: Afonso de Toledo Pisa; 2.º Relator: Guiomar de Carvalho Franco; 1.º Membro: Luiza Keffer; 2.º Membro: Maria Aparecida Gomes de Moura.

Dia 27 — 10.00' hs.: "Catalogação e aquisição cooperativa; Catálogos Coletivos". Moderador: Prof. Jayme A. de A. Cavalcanti. 1.º Relator: Maria Luiza Monteiro da Cunha; 2.º Relator Elvira Strang. 1.º Membro: Noemia Lentino; 2.º Membro: Olinda Hempel de Camargo.
16.00' hs.: "Pesquisas biliográficas

I N D I C E

ANISIO TEIXEIRA ..... 1-2.

ALDO VIEIRA DA ROSA 2-13-14- 30-40-46- 48-52-59-63-69-75-76-95

SYLVIO VILAAR GUEDES ?.... 2 a 12-55-56

ELYSIARIO TAVORA 13-14- 72-

OTHON LEONARDOS ..... 15 a 30-57-58-60-61-62-63-70-71-72 a 74
79 a 84-85-88 - 94 - 95

FRANCISCO MAFFEI ..... 30 a 40

LUCIANO J. MORAIS ..... 41 a 46-

LEITE LOPES ..... 47-48- 93 - 94

MARCELLO B. SOUSA SANTOS . 48 a 52 - 92

VICTOR LEINZ 53-54-55-56-57-58-59-84-85

JOSE GOLDENBERG 59-60-61-62-63

COSTA RIBEIRO ..... 63 a 69-

MARIO SCHENBERG ..... 69-70 - 94

OLIVEIRA CASTRO 74

ARMANDO DIAS TAVARES 75-76

DAGOBERTO SALES ..... 76 a 79

ERNESTO PUCHAIN ..... 86 a 88-89 a 92

LAMEGO 89

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

SIMPÓSIO SÔBRE

UTILIZAÇÃO DA ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACIFICOS NO BRASIL

PRIMEIRA REUNIÃO

REALIZADA

A

25/4/956

Dr. ANÍSIO TEIXEIRA - PRESIDENTE DA SESSÃO

Abrindo a sessão inaugural do Simpósio sôbre "Utilização da Energia Atômica Para Fins Pacíficos No Brasil" promovida por físicos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em primeiro lugar quero apresentar as desculpas do Almirante Álvaro Alberto que não pôde comparecer por motivos particulares, e, ao mesmo tempo transmitir por parte dêle os votos para o maior êxito possível dêstes trabalhos.

Achando-se presente a esta sessão inaugural o Tte. Cel. Aldo Vieira da Rosa, Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas quero pedir a S. Excia. que conceda à Sociedade Brasileira para o

o Progresso da Ciência a honra de presidir esta sessão.

Tte. Cel. ALDO VIEIRA DA ROSA - PRESIDENTE DA SESSÃO

Muito obrigado a V. Excia.

Dr. ANISIO TEIXEIRA

Pediria licença ao Sr. Presidente da sessão para ler as instruções que regulam o Simpósio.

(LEITURA DAS INSTRUÇÕES)

Tet. Cel. ALDO VIEIRA DA ROSA - PRESIDENTE DA SESSÃO

Tem a palavra o Dr. Sylvio Villar Guedes.

Dr. SYLVIO VILLAR GUEDES

(SEGUE NA PÁGINA SEGUINTE)

ÍNDICE

PROF. ARTHUR MOSES..... 1 - 24.

PROF. LEITE LOPES..... 1 a 9 - 54 a 56 - 57 - 58 a 60 - 126 - 127 - 128 a 130.

PROF. JOSÉ GOLDENBERG..... 9 a 17.

PROF. HUGO CAMERINI..... 17 a 23.

PROF. PAULO POMPÉIA..... 24 a 26.

PROF. MARIO SCHEMBERG..... 27 a 49 - 51 - 56 - 58 - 110 a 115 - 116 - 117 - 118 - 124 a 126.

PROF. HERVÁSIO DE CARVALHO..... 50 - 51 - 52 - 118 a 123 - 127.

PROF. JACQUES DANON..... 52 a 54.

PROF. OSCAR SALLA..... 60 a 61.

PROF. BARRETO..... 61 a 63A.

PROF. CHRISTOVAM CARDOSO..... 63A a 76 - 115 - 116.

PROF. MOTTA REZENDE..... 76 a 79.

PROF. MOUSSACHET..... 79 a 80.

PROF. JONAS CORRÊA..... 81 a 109 - 123 - 124.

PROF. MAGALHÃES GOMES..... 117.

SEGUNDA SESSÃO DO SIMPÓSIO SÔBRE A UTILIZAÇÃO DA ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS NO BRASIL, REALIZADA A 26 DE ABRIL DE 1956.

PROF. ARTHUR MOSES - PRESIDENTE DA SESSÃO

Vamos dar início aos trabalhos da segunda reunião do Simpósio, ontem iniciados.

Tenho a incumbência de justificar a ausência dos Professores Costa Ribeiro e Cintra do Prado e do Dr.

Tenho em mãos um telegrama do General Bernardino de Mattos pedindo, também, seja justificada sua ausência.

Tem a palavra o Professor LEITE LOPES.

PROF. LEITE LOPES

Senhor Presidente; Minhas Senhoras e meus Senhores.

Na sessão de ontem examinou-se o problema da matéria prima e dos recursos materiais necessários à industrialização atômica no Brasil.

Hoje passaremos a uma segunda etapa do Simpósio, na qual examinaremos aspectos relativos ao desenvolvimento da pesquisa nuclear no Brasil. ~~A sua importância para o desenvolvimento do país.~~

Não é muito difícil, hoje em dia, mostrar a importância da pesquisa científica ~~para o~~ (no) desenvolvimento econômico ~~de um país~~. Embora essa importância não seja muito visível no Brasil, ~~por causa~~ (em virtude) das condições reinantes, é coisa ~~sabida~~ que impressiona às pessoas que visitam os países mais avançados, o gráu de influência da pesquisa científica no processo de industrialização . Países como os EE.UU., a Inglaterra, a França, a Alemanha, a União Soviética ~~e mesmo países menores como a Noruega~~, estão atravessando ~~hoje todos os mais poderosos~~, uma nova etapa da revolução industrial ~~e essa nova etapa é~~ caracterizada pelo ~~fato de se haver~~ descoberto (de) uma nova (e poderosa) fonte de energia. ~~Essa~~ A revolução industrial que se iniciou por volta do Século XVIII, ~~depois~~ (após) da descoberta da mecânica e do início do espírito científico, ~~deu~~ (naturalmente teve) seu primeiro desenvolvimento na utilização ~~das combustíveis~~, do-

do carvão, do petróleo, passando por várias fases sucessivas. Êsse desenvolvimento industrial esteve sempre em conexão com o desenvolvimento científico. Primeiramente a Mecânica, a (Termodinâmica), a Química, tiveram grande importância para o desenvolvimento industrial; paralelamente a êsse desenvolvimento econômico foi crescendo a ciência pura.

No início do século atual começou a desenvolver-se a física atômica como uma ciência pura, especulativa, com o objetivo de obter informações de natureza puramente científica sôbre a estrutura última da matéria. Êsse desenvolvimento processou-se até cêrca de 1930 quando houve, então, a passagem à física nuclear propriamente dita, com a descoberta do neutron; desde então houve um intenso progresso da física nuclear, no sentido de se obter informação do tipo do conhecimento puro. Em 1939, com a descoberta da fissão nuclear mudaram, completamente, o aspecto e o sentido da pesquisa atômica. Passaram êsses trabalhos a ter grande importância para o desenvolvimento industrial o que se tornou claro depois da guerra. Êste fato não poderia ser desprezado pelos cientistas e pelos líderes dos países menos desenvolvidos e que aspiram à industrialização.

I N D I C E

HEITOR GRILLO .....1- 14-15-39.42-45-50-95 a 98

MARCELLO D.S.SANTOS.....1 a 14-42 a 45-48 a 50-51-52-54 a 58-59-61-62-63-64-65-66 a 68-73-75-76

COSTA RIBEIRO.....15 a 39-48- 57-61-62-64-65-66-71-72-74-75-76 78-79-88-93-94

HUGO CAMERINI .....40 a 42

J.DANNON 94-95

LEITE LOPES .....45 a 47-48-76

MARIO SCHENBERG ..... 50-51-52-a 54a 56- 57-59-60-61-62-63-64-65-66-68-69 a 71-72-73-74-75-76 a 78-79-80-81

FRANCISCO MAFFEI 59

SYLVIO VILLAR GUEDES .72-73

DAGOBERTO SALES ..... 81 a 91

HAITI MOUSSACHET..... 81- 98-99

JOSE GOLDENBERG ..... 92 a 93ª-

III REUNIÃO DO SIMPÓSIO SÔBRE O USO DA ENERGIA ATÔMICA PARA FINS PACÍFICOS NO BRASIL REALIZADA A 27 DE ABRIL DE 1956

Prof. HEITOR GRILLO - PRESIDENTE DA SESSÃO

Declaro aberta a terceira e última reunião do Simpósio sôbre a Utilização da Energia Atômica Para fins Pacíficos no Brasil.

Convido os Srs. oradores desta noite, Prof.Marcello Damy de Sousa Santos e Prof. Costa Ribeiro a tomarem parte da mesa

Tem a palavra o Prof. Marcello Damy de Sousa Santos

Prof. MARCELLO DAMY DE SOUSA SANTOS

Exmo. Sr. Prof. Heitor Grillo, Presidente da sessão Prof. Anísio Teixeira, Presidente da CAPES, Dr. Haiti Moussachet , Presidente da Seção Regional da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, minhas Senhoras, meus Senhôres:

Confesso que havia preparado uma exposição escrita-

escrita sôbre o tema para o qual me havia inscrito na organização deste Simpósio, ou seja o delineamento, em linhas gerais, do programa de energia atômica do Conselho Nacional de Pesquisas.

Naturalmente, ao desenvolver êsse tema, seria forçado a entrar em uma série de problemas que foram antecipados nas discussões de ontem, encobretudo pelos apartes do meu eminente colega e amigo, Prof. Mario Schenberg. Não poderia, portanto manter minha exposição inicial, sem correr o grave risco de deixar várias das questões, ontem aqui levantadas, a descoberto e sinto-me, por isso, na obrigação, que não me é muito agradável porque não sou orador, de falar de improviso a fim de procurar esclarecer o auditório sôbre uma série de pontos que julgo da mais alta relevância no Simpósio presente.

Como todos se recordam, a idéia inicial dêste Simpósio era a de congregar um grupo de especialistas que aqui viessem, trazer aos presentes fatos concretos, em todos os domínios do conhecimento, relacionados com o esforço atômico brasileiro. Foi por êsse motivo que julgámos imprescindível que na primeira reunião tivesse a palavra os geólogos, a fim de nos esclarecerem sôbre os problemas fundamentais da existência, maior ou menor, de jazimentos de minerais atômicos. Em segundo lugar, para a segunda noite, em consequência, deveriam ser tratados os problemas da formação de técnicos e especialistas. Êsse problema foi, efetivamente, tratado e nos a

Dez Anos Pelo Progresso da Ciência (*)

M. ROCHA E SILVA

O título proposto para esta palestra poderá parecer algo romântico sugerindo um mundo de evocações sôbre um período de tempo que, se não é enorme para a vida de um País ou de uma Sociedade, representa uma eternidade na vida de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, como somos nós os da diretoria da *SBPC* e que tomam posse pela quinta vez em 10 anos.

Foi em maio de 1948, que PAULO SAWAYA, JOSÉ REIS e M. ROCHA E SILVA decidiram, quixotescamente, enviar uma circular às pessoas mais qualificadas, no Brasil, propondo a fundação de uma Sociedade nos moldes das Associações para o Progresso da Ciência que floresciam na Inglaterra, nos Estados Unidos e, mais perto de nós, na Argentina. A primeira reunião foi realizada em 8 de junho de 1948 numa das salas da Associação Paulista de Medicina. Foi então constituida uma comissão para redigir os estatutos, sob a direção do Prof. JORGE AMERICANO e integrada pelos Drs. J. RIBEIRO DO VALLE, JOSÉ REIS, PAULO SAWAYA, F. J. MAFFEI e M. ROCHA E SILVA. O trabalho rápido dessa comissão que se reunia na confortável residência do Prof. JORGE AMERICANO, resultou num projeto de estatutos que foi novamente submetida a uma Assembléia provisória um mês depois, no dia 8 de julho de 1948, sendo essa a data da fundação da SBPC. Foi então eleita a diretoria provisória, sob a presidência do Prof. JORGE AMERICANO, tendo como tesoureiro PAULO SAWAYA e Secretário-Geral JOSÉ REIS, e eu, já nessa época, um crônico vice-presidente, e marcadas as primeiras eleições para a Diretoria definitiva e Conselho da Sociedade, em outubro de 1948.

A Diretoria definitiva, que contava a mais com a colaboração do Dr. GASTÃO ROSENFELD, como Secretário, e o Conselho de 11 membros foram empossados no dia 8 de novembro de 1948, por ocasião da primeira Assembléia Geral da Sociedade, na Biblioteca Municipal. Nesse dia, após a reunião, foi encerrada a lista dos sócios fundadores, num total de 265, entre contribuintes, corporativos, assinantes e estudantes. A lista dos sócios fundadores de A a Z, foi publicada nos dois primeiros números de *Ciência e Cultura*, cuja publicação foi iniciada em abril de 1949. O primeiro Conselho da Sociedade, que se reunia regularmente, na sede dos Fundos Universitários, sob a presidência do Prof. JORGE AMERICANO, era constituido das seguintes pessoas: OTO BIER, M. BARROS ERHARDT, F. J. MAFFEI, A. CARVALHO DA SILVA, ANDRÉ DREYFUS, L. CINTRA DO PRADO, J. JESUINO MACIEL e A. MARCHINI e no *Rio de Janeiro*, MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA, CARLOS CHAGAS FILHO e GILBERTO VILLELA. Como presidentes de honra da Sociedade foram aclamados, na primeira Assembléia Geral: os Profs. H. B. ARAGÃO, Diretor do Instituto de Manguinhos e H. DA ROCHA, diretor do Instituto Biológico.

●

Ciência e Cultura e as Reuniões anuais. Entre os objetivos da Sociedade, impuseram-se como dos mais importantes a edição da revista *Ciência e Cultura*, como órgão oficial da Sociedade e a realização das Reuniões Anuais. Apesar das dificuldades, sobretudo financeiras, por que tem passado a Sociedade, êsses dois objetivos têm sido alcançados. A revista representa hoje, o melhor arquivo do que foi feito em ciência no Brasil nos 10 últimos anos e foi na *Ciência e Cultura*, que o Centro de Cooperação científica da UNESCO, em Montevidéu, encontrou a melhor lista de cientistas brasileiros quando organizou o seu cadastro da ciência latino-americana.

Para a primeira reunião Anual, de 11 a 15 de outubro de 1949, foi escolhida a cidade de Campinas. Agora, em retrospecto, posso fazer algumas confissões e dar os motivos que nos levaram a escolher Campinas, como sede da primeira Reunião Anual da Sociedade. O mais importante foi, evidentemente, o apoio decidido dos cientistas do Instituto Agronômico, especialmente, o Dr. CARLOS ARNALDO KRUG, à idéia da Sociedade. O segundo motivo, que permaneceu inédito até hoje e que faço agora como uma confissão, era que nós não acreditávamos muito no sucesso da Reunião. Tratava-se de reunir matemáticos, físicos, químicos, engenheiros, biologistas, agrônomos, médicos, botânicos e filósofos. Era uma verdadeira Arca de Noé, com espécimens de tôda a fauna científica brasileira. Havia sempre o receio, por parte dos organizadores, de que o simples fato de serem obrigados a se deslocarem dos seus cômodos, por conta própria, sem os auxílios oficiais dos nossos congressos científicos, o nosso povo ia deixar de comparecer na hora determinada e a reunião seria um fiasco. Como Campinas era perto de São Paulo, em caso de fiasco, tomaríamos um trem e em duas horas

(*) — Oração proferida durante a cerimônia inaugural da X Reunião Anual.

estaríamos em São Paulo. Também a proximidade de Campinas deveria facilitar o comparecimento dos participantes.

Na realidade, a Reunião foi um sucesso completo. O programa de uma semana de apresentação de trabalhos foi realizado à risca, com um mínimo de faltas. Dos 86 trabalhos inscritos, apenas 5 deixaram de ser referidos, por ausência dos comunicantes. Històricamente, a Reunião de Campinas foi a primeira do gênero, realizada na América do Sul e teve como visitante de honra, o representante da Associação Argentina, EDUARDO BRAUN-MENENDEZ, que esteve presente a quase tôdas as sessões, tomando parte nas discussões e realizando uma conferência sôbre "Liberdade de Pesquisa", na sessão naugural. Tivemos ainda como hóspede de honra, na primeira Reunião de Campinas, o fundador da Física Experimental no Brasil, Gleb Wathagin, que discorreu, na sessão inaugural, sôbre "Origem do Universo". Sempre presentes, além do Prof. JORGE AMERICANO, estavam os Profs. ROCHA LIMA, RHEINBOLDT e RAWITSCHER, três dos grandes esteios da Sociedade, na sua fase inicial de consolidação. Nessa reunião, o Prof. JORGE AMERICANO, presidente da Reunião e da Sociedade, discursou sôbre o importante tema: "Ciência e Guerra", salientando a injustiça de se atribuir aos cientistas o mau uso que dela fazem os políticos e salientando que só a ciência poderia levar a humanidade a abolir a guerra, pela violência e poder destrutivo das novas armas atômicas, tornando impraticável o seu uso, em virtude da sua própria violência.

A primeira reunião, de Campinas, foi intencionalmente planejada em linhas cosmogônicas, iniciando-se com a conferência de WATAGHIN sôbre a origem do universo, e de BRAUN-MENENDEZ sôbre liberdade de pesquisa, seguiram-se as comunicações e conferências sôbre geologia, recursos minerais, genética de populações, botânica, fragmentando-se em seguida em comunicações sôbre fisiologia, bioquímica, farmacologia, patologia animal, terapêutica e estatística. Foi nessa primeira reunião anual, que o ilustre estaticista W. L. STEVENS, foi por assim dizer apresentado ao público científico do Brasil, realizando uma longa palestra sôbre um assunto que para muitos de nós era completamente desconhecido: delineamentos experimentais.

Para a II Reunião Anual, realizada em Curitiba, de 6 a 11 de novembro de 1950, pudemos contar com a coperação eficiente de MARCOS ENRIETTI e de METRY BACILLA e de todo o corpo do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná. A II Reunião Anual foi inaugurada com uma memorável conferência do Prof. ANDRÉ DREYFUS, sôbre "Raças humanas, Genética e Eugenia". Um dos pontos altos da Reunião de Curitiba foi o simpósio sôbre "Reflorestamento" presidido pelo Prof. FELIX RAWITSCHER que terminou com uma recomendação aos Governos Federal e Estaduais, para proteger as matas ainda existentes, cuidar do reflorestamento e criar escolas de silvicultura. Se êsse apêlo foi atendido, escapa completamente à minha capacidade de detetive amador. Mas é sempre tempo de fazê-lo, e tem sido uma preocupação constante da Sociedade organizar simpósios sôbre conservação do solo, genética vegetal, ecologia vegetal e animal, a que têm comparecido as nossas autoridades em pesquisas sôbre a conservação das florestas.

Ainda, durante a Reunião de Curitiba, estiveram presentes os Profs. VENÂNCIO DEULOFEU, representando a Associação Argentina e o Dr. OSCAR DODERA, representante do Centro de Cooperação científica da UNESCO, em Montevidéu. Foram então discutidas as bases para estreitar relações entre as Associações Latino Americanas para o Progresso da Ciência, na base da Conferência da UNESCO, em Paris, em setembro de 1950. Foi êsse um primeiro passo para concretizar uma das recomendações dos estatutos da SBPC, o de filiar-se à UNESCO e a outras organizações de caráter mundial, com finalidades paralelas.

Por ocasião da Reunião de Curitiba, o número de sócios da Sociedade já ultrapassava a casa dos 700, e se considerarmos que a Sociedade completava os seus 2 anos de existência, aquele número indicava uma média de 1 novo sócio por dia.

Daí por diante, o crescimento do número de sócios e das reuniões anuais foi progressivo e orgânico. A atividade dos secretários GASTÃO ROSENFELD e J. LEAL PRADO e dos Secretários regionais METRY BACILLA, em Curitiba, HAITY MOUSSATCHÉ e OSWALDO FROTA PESSOA, no Rio de Janeiro, GEORGE SCHREIBER, em Belo Horizonte, NELSON CHAVES, em Recife e ALEXANDRE LEAL DA COSTA, na Bahia, e ainda a atividade incessante do atual secretário ERASMO GARCIA MENDES, do Secretário Geral PAULO SAWAYA e do eficiente e dedicado tesoureiro ADOLFO MARTINS PENHA, têm sido, certamente, os motivos do referido crescimento.

Devemos lembrar, ainda, a constante colaboração do jornalista A. JAGLE e de jovens pesquisadores: casal BAETA HENRIQUES, BERALDO, RABINOWITCH e todos os que comparecem às Reuniões Anuais da Sociedade.

Na III Reunião, realizada em Belo Horizonte, de 5 a 10 de novembro de 1951, pela primeira vez, a Sociedade recebeu o apoio integral do Govêrno do Estado, o então Governador JUSCELINO KUBITSCHEK e o seu Secretário de Saúde CLOVIS SALGADO. A meu ver, foi a Reunião de Belo Horizonte, aquela que realmente consolidou a Sociedade, dado o grande interêsse despertado no local, o número apreciável de participantes, em tôrno de 350, e a qualidade dos trabalhos apresentados, destacando-se uma reunião dos físicos brasileiros que realizaram um simpósio sôbre os Progressos Recentes da Física, como um ensaio para o simpósio de maiores proporções realizado em 1952, em São Paulo, sob os auspícios da UNESCO, sôbre técnicas atuais da Física. Da maior importância, foram as discussões, em Belo Horizonte, sôbre Moléstia de Chagas, Esquistosomose e Pênfigo foliáceo, a uma das quais compareceu o próprio Governador do Estado que tomou parte nas discussões. Uma inovação que foi tentada em Belo Horizonte, a aplicação de Testes psicotécnicos vocacionais, aos cientistas que compareceram, foi coroada do maior êxito, embora alguns dos cientistas submetidos aos testes, mantivessem segrêdo sepulcral sôbre o resultado da análise.

A IV Reunião Anual, realizada em Pôrto Alegre, de 3 a 8 de novembro de 1952, sob a presidência de MIGUEL OSÓRIO DE ALMELDA, foi aberta com um discurso inaugural do nosso grande fisiologista sôbre Cibernética e Fisiologia do Sistema Nervoso Central e pôde contar, pela primeira vez, com a colaboração do nosso atual presidente, Prof. ANÍSIO TEIXEIRA, que presidiu à discussão de encerramento sôbre currículo universitário e escolha de professôres para o ensino superior. Na Reunião de Pôrto Alegre, graças à atividade da Comissão local, um passo gigantesco foi dado à frente: a Reunião Anual se realizou nas próprias dependências da Universidade de Pôrto Alegre e a participação de estudantes foi entusiástica, subindo a 600 o número de participantes inscritos. Até então, o maior sucesso da Sociedade se tinha verificado nos Institutos de Pesquisa: o Agronômico, de Campinas, o Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, o Biológico, de São Paulo, o de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, do Paraná e o Instituto de Tecnologia de Belo Horizonte. Em Pôrto Alegre, pela primeira vez, a Sociedade entrava na Universidade e realizava as suas sessões nos mesmos bancos que eram regularmente ocupados pelos estudantes e as comunicações feitas nas cátedras do ensino mesmo e, não raro, as salas se encontravam superlotadas de estudantes.

Desde então, a V Reunião Anual, novamente em Curitiba, de 11 a 18 de novembro de 1953, a VI Reunião, realizada em Ribeirão Prêto, de 8 a 13 de novembro de 1954, na novel Faculdade de Medicina, por convite especial do seu fundador ZEFERINO VAZ, a VII Reunião, realizada em Recife, de 2 a 9 de julho de 1955, graças a um convite do prof. NELSON CHAVES, a VIII Reunião, realizada em Ouro Prêto, de 2 a 7 de julho de 1956, na Escola de Minas da Universidade do Brasil, foram tôdas elas realizadas nos bancos das escolas locais, e mesmo a IX Reunião Anual, realizada no ano passado, de 8 a 15 de julho, nas dependências do Museu Nacional, não fugiu a essa tradição, se considerarmos que o Museu Nacional é talvez a mais antiga escola de pesquisas biológicas do Brasil, tendo iniciado pesquisas de fisiologia experimental, numa época em que os nossos professôres universitários usavam apenas alfarrábios e sebentas para transmitir os seus conhecimentos aos alunos.

Seria fastidioso estendermo-nos em maiores detalhes sôbre a história da SBPC, nos 10 anos de existência. Os números de *Ciência e Cultura* trazem todos ôs detalhes e selecionei aqui apenas aqueles que me pareceram de maior significação para a consolidação da Sociedade no meio científico brasileiro. Se considerarmos que as reuniões têm apresentado em média 250 a 300 trabalhos, entre conferências, simpósios, trabalhos originais, a atividade da Sociedade, só nas suas Reuniões Anuais representa qualquer coisa como a apresentação, com discussões, de cêrca de 2.500 a 3.000 trabalhos pelos nossos cientistas, e mais de 50 simpósios sôbre os assuntos mais variados, nas 10 Reuniões.

Devemos ainda acrescentar os numerosos simpósios e discussões realizados sob os auspícios da Sociedade, fora das Reuniões Anuais, sôbre o Ensino das Ciências, sôbre Física e Energia Atômica, Minerais radioativos, cursos de Estatística, em várias cidades do Brasil, e as conferências de ilustres cientistas nacionais e visitantes estrangeiros (as Vicissitudes da Vida Científica, de ROCHA LIMA, BERZELIUS e nós, de RHEINBOLDT, Valor da Ciência, de ÁLVARO OSÓRIO DE ALMEIDA), e ainda as monografias que a Agir, em colaboração com a SBPC, vem publicando: a de HAUPTMANN, sôbre Mecanismos das Reações Orgânicas, a de CURY e VILLELA, sôbre Fatores de Crescimento de microorganismos, e outras já em preparação, de THALES MARTINS e LEITE LOPES.

Creio que êsses simples dados mostram de maneira inegável a contribuição da Sociedade para o desenvolvimento da ciência no Brasil, mas, mais do que isso, o que podem fazer os cientistas, mesmo desamparados, pelo progresso da sua ciência. Não obstante, seria interessante analisar as relações da Sociedade com o ambiente científico brasileiro.

●

A Sociedade e o ambiente científico brasileiro. Para isso temos que nos colocar na atmosfera de 1948, no que se refere à situação dos nossos institutos científicos, universidades e pesquisadores. A situação da pesquisa no Brasil era nìtidamente desfavorável, se comparada com a das ciências de aplicação, a medicina e a tecnologia, por exemplo. Grandes associações de médicos, metalurgistas, engenheiros reuniam-se de maneira organizada, ao passo que os pesquisadores das ciências básicas não dispunham de um organismo onde pudessem apresentar os seus trabalhos, sofrer a crítica dos seus colegas de outras regiões do País, limitando-se à apresentação de comunicações a sociedade locais, como a Sociedade de Biologia. Nessa época, não havia Conselho Nacional de Pesquisas, nem a CAPES, cujas fundações só vieram alguns anos mais tarde, graças aos esforços dos dois presidentes desta reunião, Almirante ÁLVARO ALBERTO e Prof. ANÍSIO TEIXEIRA, respectivamente.

Os nossos congressos científicos eram realizados habitualmente, mediante polpudas subvenções oficiais e o comparecimento heterogêneo dependia antes do prestígio de cada um para obtenção de auxílios para viagens e estada, e a escolha recaía sôbre indivíduos filiados a determinada corrente chefiada por sábios locais, que transformavam os congressos científicos em mera exibição de prestígio pessoal. Muitos dêsses indivíduos sabiam bem a significação e a utilidade de um congresso científico, por terem comparecido a muitos dos que se realizam no estrangeiro. Mas no Brasil, aproveitando a indiferença ou insensibilidade geral, no momento em que deveriam aparecer em público, como *Relatores* de temas científicos, tornavam-se automàticamente *big-shots* ou medalhões, para usar o vernáculo. Eram êles que deveriam julgar, de maneira algo despótica do valor das chamadas Teses apresentadas. Assim, *Relatores* e *Teses* formavam a estrutura básica dos congressos científicos brasileiros.

De onde teria vindo essa organização singular para um congresso científico? O indivíduo que redigia o seu trabalho, em vez de expô-lo à crítica diante dos seus colegas, tinha que filtrá-lo através da elevada sabedoria do *Relator*. Nas viagens que tenho feito, tenho procurado, inùtilmente, as origens dêsse sistema que florescia no Brasil, antes do advento da SBPC. Confesso que ainda hoje não esclareci êsse mistério impenetrável. Quem estaria habilitado, no domínio das ciências naturais, a criticar, ou emitir julgamento sôbre as qualidades ou defeitos de uma dúzia de trabalhos sôbre assuntos muitas vêzes tão diversos que são apresentados numa única sessão de um congresso científico? Como poderia um *Relator* por mais vastos e profundos que fôssem os seus conhecimentos científicos, emitir um juízo definitivo sôbre a exatidão ou qualidade de um trabalho científico? Alegava-se que o brasileiro não se adapta bem a êsse regime de discussões em nível elevado, resvalando sempre para os insultos pessoais. Ora, a experiência da SBPC é exatamente oposta, tendo ficado demonstrado que o brasileiro, como o inglês, o americano, o francês e até mesmo o italiano, são capazes de manter uma discussão científica em nível de ética desejável.

O primeiro objetivo, imediatamente alcançado pelas Reuniões Anuais da SBPC, foi eliminar da sua estrutura, o *Relator* e a palavra *Tese*. O cientista que realiza o seu trabalho é o único que poderá responder a críticas que são feitas pelo auditório. Já na Reunião de Campinas se viu que o sistema funcionava, mesmo sob o Trópico de Capricórnio. O resultado, como era de esperar, foi uma completa transformação na atmosfera de um congresso científico. Pessoas que nunca tinham apresentado trabalho em congresso científico, quer por falta de oportunidade, quer por falta de interêsse, começaram a se tornar habitués das Reuniões Anuais, e entre êsses, o elemento feminino passou a ter uma grande participação. Nisso a SBPC superou a Associação Britânica no que diz respeito à participação do elemento feminino. Quando da Reunião Anual, realizada em Oxford em 1823, portanto a Segunda Reunião Anual da British Association, um dos fundadores declarou: "Todos os organizadores com quem conversei, eram de opinião de que se a Reunião deve ter qualquer utilidade científica, as senhoras não deverão assistir à leitura dos trabalhos, especialmente em um local como Oxford, onde a presença de senhoras transformaria logo a Reunião em Meeting de dilettantis". (carta de Buckland a Murchision, 1832).

Crescimento da SBPC. Um outro aspecto a salientar, é o crescimento impetuoso da Sociedade nos seus primeiros anos. Não podemos esconder que temos tido altos e baixos e momentos de desânimo e, até de desespêro, mas não haverá um de nós, entre os responsáveis pela direção da SBPC, que considere perdido o trabalho aplicado para o desenvolvimento da Sociedade. Êsse crescimento espontâneo tem sido tão evidente que ouvimos do nosso atual Presidente, Prof. ANÍSIO TEIXEIRA, certa vez, a expressão de que a SBPC é um movimento de "auto-organização" dos nossos cientistas. Inicialmente, sem nenhum apoio oficial (lembro aqui que o pedido de 20 mil cruzeiros feito à Municipalidade de Campinas, em 1949, depois de 6 meses de discussões na Câmara local, foi recusado, na mesma lista em que foi recusada a subvenção para a compra de um carro funerário), digo, sem nenhum apoio oficial, nos primeiros anos, a SBPS cresceu impulsionada apenas pelo interêsse latente dos nossos cientistas de organizarem os seus meios de comunicação e expressão. Os escritores, os artistas, os poetas ,além dos médicos e metalurgistas tinham todos os seus Congressos bem organizados. Os cientistas permaneciam indiferentes aos trabalhos de seus colegas, que só eram lembrados nas horas de briga, para se desfazerem uns nos outros.

Na época em que a Sociedade foi fundada, um dos nossos mais importantes institutos científicos passava por uma crise de morte. A política se tinha introduzido na sua organização e a estava minando como a broca do café ou a lagarta rosada do algodoeiro. Um indivíduo sem qualquer qualificação científica, iniciara no Instituto Butantan uma curiosa experiência de reorganização, negando ao cientista o direito de possuir um currículo próprio, devendo-se dedicar, exclusivamente, às funções de manipulador de técnicas conhecidas, com o objetivo de aumentar a produção comercial do Instituto. Poderíamos compará-lo a um relojoeiro bisonho que, não compreendendo a complicada máquina de um relógio, decidisse simplificá-la removendo algumas das engrenagens. O resultado não se fêz esperar, não só o Instituto desapareceu como entidade científica, mas a produção de má qualidade foi reduzida à expressão mais simples.

Êsse era um aspecto curioso da ciência no Brasil: "Num País em que tudo estava para ser feito no campo da ciência e da técnica, inventavam-se concepções novas sôbre a melhor maneira de fazer ciência, como se não nos bastasse a grande experiência de americanos, inglêses, francêses e alemães, para a organização dos nossos institutos científicos, para a escolha de professôres universitários e a organização dos nossos congressos científicos. Esquecemos o que custou a êsses países a organização para a luta contra fatores adversos, para defender palmo a palmo migalhas ou vantagens ínfimas que se foram somando através de séculos e que hoje constituem o que nos habituamos a desfrutar sem saber de onde vieram, como a liberdade individual, o direito de desenvolver as suas vocações, a liberdade de pesquisa e de ensino. E com que facilidade abrimos mãos dessas vantagens, entregando-nos de pés e mãos atados aos poderosos do momento, como se trabalho acumulado, reputação científica, currículos lentamente elaborados, fôssem propriedade de meros detentores dos cargos de direção. É êsse patrimônio individual dos cientistas que precisa ser defendido, se pretendermos criar uma verdadeira tradição de pesquisa e cultura no Brasil". Isso foi dito, ao "Diário de São Paulo", no dia 8 de julho de 1948, no mesmo dia em que nascia em São Paulo, a SBPC, e creio que poderia repetir as mesmas palavras, hoje, com alguma oportunidade.

●

O ambiente científico brasileiro de 1948. Quando foi creada a SBPC, em 1948, os seus fundadores tiveram sempre em mira os motivos que levaram à criação das suas congêneres mais antigas, a *Deutscher Naturforscher Versammlung*, fundada em Leipzig, em 1822, a *British Association for the Advancement of Science*, fundada em 1931 e a *American Association for the Advancement of Science*, que completava um século de existência na época em que a nossa Sociedade ensaiava os primeiros passos. Mas, na realidade, foi sobretudo a British Association que serviu de modêlo à SBPC e na IX Reunião Anual, no ano passado, no Rio de Janeiro, o Dr. BEATTIE, representante do Conselho Britânico nos proporcionou um notável relatório da evolução da Associação Britânica, desde 1831, até o presente. Foi no comêço da Revolução Industrial que se tornou urgente a creação da Associação Britânica, e assim se expressa o Dr. BEATTIE: "No período consecutivo às guerras napoleônicas, encontramos na Inglaterra uma curiosa mistura de progresso e reacionarismo, assim é que, embora a Revolução Industrial estivesse a caminho, a pesquisa científica se achava num estado de comparativa decadência, pela falta de apoio, não só do público, como do Govêrno".

Não iríamos ao exagêro de sugerir que o Brasil de 1948, poder-se-ia comparar à Inglaterra de 1831. Mas o que é impressionante no nosso País, é a *coexistência*, poderíamos dizer, *pacífica*, entre estados tão díspares da evolução científica. E, se compararmos a evolução científica do País, com as outras atividades, como a comercial, a industrial, ou mesmo a literária e a artística, não podemos deixar de constatar o fato amargo de que, sob muitos aspectos, em muitas das nossas universidades e escolas superiores, a ciência é tratada como o era na Idade Média. O domínio absoluto do dogma, o ensino livresco, o *magister dixit*, etc. É claro que as coisas que são ensinadas são talvez as últimas novidades que nos chegam pelos últimos periódicos científicos, muitas vêzes trazidos por avião, dos centros mais adiantados. Mas essas verdades são ensinadas ou transmitidas aos alunos, como o eram os ensinamentos de ARISTÓTELES ou de PLATÃO, nas velhas Universidades de Bolonha ou na Sorbone.

Num jornal da semana passada, lemos que o ilustre Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, Prof. CRISTOVAM CARDOSO afirmou, com o aplauso dos cientistas presentes, que o Brasil ainda não possui Universidades, mas apenas Institutos isolados e escolas profissionais. E no último número da Revista Brasileira de Medicina, vem publicada a aula inaugural do Vice-Reitor da Universidade do Brasil, Prof. DEOLINDO DO COUTO, sugerindo reformas fundamentais na nossa organização universitária para se adaptar ao espírito da pesquisa científica.

Ora, na Inglaterra de 1931, já tinha havido NEWTON, PRIESTLEY, CAVENDISH e estavam ainda vivos, HERSCHL, o grande astrônomo, HUMPHREY DAVY, o químico famoso que iniciou FARADAY nos seus primeiros passos, o próprio FARADAY, que já andava pelos 30 e poucos anos, BREWSTER, YOUNG e outros, cujos trabalhos se confundem com a história da química e da física. O que mais me impressiona, folheando uma história da ciência do século passado, é a existência de tantos homens de barbas brancas e cabelos grisalhos, e que, há 100 anos, eram chefes de escola, descobridores dos grandes fatos científicos do século XIX, e êsses homens se chamavam DARWIN, HUXLEY, KELVIN, THOMSON, para só citar indivíduos que participaram da evolução da Associação Britânica e que foram mencionados pelo Dr. BEATTIE.

Onde estão os nossos homens encanecidos na pesquisa científica? O que faz a maioria dos nossos professôres universitário, aqueles de quem esperaríamos um exemplo, um encorajamento, orientação e estímulo? E que já tenham barbas brancas e cabelos grisalhos? Os nossos cientistas são indivíduos relativamente jovens, que lutam contra a maré, que se esforçam por iniciar alguma coisa, como talvez fizessem os jovens no tempo da fundação da Associação Britânica, ou na época em que HARVEY descobriu a circulação do sangue. Mas aquele movimento sistemático de investigar a natureza, receber a cooperação de colegas esclarecidos, transmitir aos estudantes uma ciência em contínua evolução e receber dêstes últimos a grata recompensa de uma chama no olhar, de uma pequena demonstração de que sentem o que estão aprendendo, enfim, as características de um verdadeiro ensino universitário, são pràticamente desconhecidas no Brasil. Os estudantes vêm do curso secundário abarrotado por uma ciência que não assimilaram e esbarram na universidade com professôres também empanturrados de uma ciência livresca que, embora assimilada, não lhe pertence, para a qual não contribuiram com uma ínfima parcela de atividade creadora.

Haverá algumas excecões, mas essas não são tão numerosas que justifiquem a denominação de universidade, às nossas escolas profissionais superiores. Não nos devemos impressionar com êsses super-laboratórios que encontramos em algumas das nossas escolas, onde muitas vêzes, indivíduos atônitos e mais ou menos desorientados, procuram em vão um caminho, no meio de máquinas e engenhócas do século XX, com a mentalidade livresca e pedante da Idade Média.

As excecões que poderíamos mencionar, constituiam verdadeiras ilhas no panorama universitário brasileiro, e entre elas é justo mencionar: A Faculdade de Filosofia de São Paulo, onde professôres estrangeiros, judiciosamente escolhidos por THEODORO RAMOS, tinham inaugurado, desde 1934, escolas florescentes de matemática, física, química, botânica, seguidas pela organização do departamento de biologia, por ANDRÉ DREYFUS; o Instituto de Biofísica, do Rio de Janeiro, transformado em centro de atração para cientistas visitantes e o departamento de Bioquímica de Belo Horizonte, sob a inspiradora direção de BAETA VIANA. E devemos ainda salientar que nos Institutos Osffialdo Cruz, do Rio de Janeiro, Agronômico de Campinas e Biológico de São Paulo, a pesquisa científica era realizada como o deveria ser numa verdadeira universidade, embora o ensino fôsse aí feito de maneira esporádica ou extra-curricular.

Talvez, se procurássemos uma analogia histórica, teríamos que situar o ambiente científico brasileiro em 1948, nos séculos XVII e XVIII, quando não se sabia ainda exatamente o que fazer dos cientistas e da ciência, em que os governos e o público ainda não se tinham capacitado da idéia de que pesquisa científica é o grande caminho da libertação política e econômica dos povos, que "Ciência é fôrça" (Science is power), na conhecida e surrada expressão de FRANCIS BACON. A comparação não é nem descabida nem desairosa, porque hoje se procura atribuir as origens da revolução científica ao século XVII muito mais do que à Renascença, que foi um período de desenvolvimento literário e artístico. A própria essência do espírito da Renascença de imitação da cultura Greco-Latina, era um ambiente ainda estéril no que se refere à experimentação científica.

Mas no Brasil, a situação é agravada pelo fato de haver uma decalage, entre o desenvolvimento do País, no que se refere à indústria e ao modo de vida, com automóveis, aviões, arranha-céus, luzidos postos de gasolina, tudo isso importado ou feito aqui mesmo segundo planos copiados de outros povos, e por outro lado, um sistema universitário rançoso, cheirando a sebenta e ao qual se poderia aplicar as palavras de ORTEGA Y GASSET, mencionadas por DEOLINDO DO COUTO: "... homens solenes que, repetindo palavras mortais, propagam às novas gerações a sua inépcia e a sua acrimonia interior, a rapazes que jogam bilhar e, ruidosamente, solicitam a freqüência". E poderíamos acrescentar que se êsses homens solenes chegarem à janela dos seus vetustos gabinetes de trabalho, o que vêem é o espocar de uma civilização de gigantes, com aviões a jato e estratosféricos, sputniks, arranha-céus, civilização baseada na pesquisa científica paciente de outros povos mais desenvolvidos ou mais espertos.

Creio que qualquer interpretação racional da situação em que se encontrava a ciência antes da SBPC, do Conselho Nacional de Pesquisas, da CAPES, ou mesmo ainda hoje, embora de maneira algo atenuada, deve levar em consideração essa disparidade de níveis nas diferentes atividades da vida do País. É como se houvesse fases distintas no sistema social existente, e de certo modo em desiquilíbrio de fase, como se tivéssemos um sólido em presença da fase líquida, em temperatura algo acima do ponto de fusão. As atividades, vamos dizer, rendosas, como a clínica, a indústria, para não mencionar o rádio e a televisão, exercem uma atração sôbre aqueles indivíduos que habitualmente se dedicariam à pesquisa científica em outros países. É uma atração de tal ordem, que muitas vêzes se torna irresistível, pela falta de tradição intelectual a qual, em outros países, retém o indivíduo nos laboratórios. Evidentemente, o tempo integral em São Paulo, o Conselho Nacional de Pesquisas e a CAPES, têm contribuido grandemente para diminuir essa sucção, aumentando a intensidade das forças que retém os pesquisadores nos laboratórios, no trabalho difícil e muitas vêzes desesperante de procurar a verdade.

Uma outra causa profunda dessa situação, reside no nosso anacrônico sistema universitário. Todos os degraus da carreira universitária podem ser vencidos sem maior esfôrço do que o de ser bonzinho para os seus superiores, de não criar dificuldades aos detentores do poder, e qualquer indivíduo se sente com as qualidades indispensáveis para ser professor universitário. Para atingir essa meta tão cobiçada, é, na maioria das vêzes, suficiente que não se faça sombra aos seus superiores, que não se criem dificuldades aos que estão por cima e, sobretudo, que não se trabalhe muito, porque se pode dar mau exemplo. Para êsse estado de coisas muito contribui evidentemente, o processo arcaico do concurso em voga nas nossas universidades, para a escolha de professôres universitários. Não somos contra concurso, e a SBPC nunca se manifestou contra o concurso. O que fomos sempre, é contra o processo por que é êle realizado, onde se dá à vida do indivíduo como pesquisador, aos seus trabalhos, às suas realizações, pêso igual ao de uma prova escrita de pura decoração, ou a uma aula preparada de afogadilho, ou a uma prova prática realizada nas piores condições possíveis, materiais e psicológicas.

É a falta de lógica dêsse processo de escolha, o que tem sido salientado por todos nós, dentro e fora da SBPC. Uma universidade, que mereça êsse nome, deve ser o centro onde se realizam as pesquisas fundamentais da ciência. As faculdades especializada, cada uma delas, deve encarregar-se de contribuir para o progresso das ciências afins, sendo as faculdades de filosofia, encarregadas do progresso científico em geral. Não se pode esperar que a pesquisa médica seja feita numa faculdade de filosofia, ou que a pesquisa sôbre resistência de materiais e problemas sôbre metalurgia ou hidráulica, sejam atacados em outro local que não seja uma escola de engenharia. E aqui caberia uma observação do meu colega Prof. MOURA GONÇALVES; com aquela sinceridade tonitroante que lhe é característica, costuma dizer, que "uma faculdade de medicina, não é feita para ensinar medicina... mas para ensinar a *ciência médica*", o que é muito diferente. Porque medicina é feita exclusivamente pelos médicos, pelos clínicos, pelos que aplicam a ciência médica, mas esta última é feita nos laboratórios, por químicos, bioquímicos, fisiologistas, imunologistas, patologistas e farmacologistas, os quais podem ser médicos, como mera contingência, mas não obrigatòriamente. Convém salientar que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Prêto é a única que admite cientistas não médicos, como assistentes, o que constitui uma tremenda inovação.

Não obstante, analisado o mecanismo íntimo do concurso, como é praticado no Brasil, não são as qualidades do indivíduo como cientista ou pesquisador aquelas que vão decidir do resultado da escolha, e chegamos assim a compreender o absurdo operacional, poderíamos dizer, hoje, cibernético, da máquina do concurso. É como se usássemos uma máquina de fazer cigarros, com o intuito de produzir parafusos ou vice-versa.

Sôbre as relações entre ensino e pesquisa, assim comentava o prof. CHARLES RICHET no seu livro "O homem de ciência" (1923): "O ensino, por muito útil e até indispensável, não é ciência

pura. Não se pode prescindir de ensinar à juventude como se mede a velocidade da luz, em que combinações o carbono se une ao azôto, como a excitação do nervo pneumogástrico inibe o coração. Mas, só com lições, embora perfeitas, sôbre a velocidade da luz, a composição do cianogênio ou a excitação do pneumogástrico, não se consegue desvendar verdades novas e imprevistas. Marca-se passo, continua a ensinar-se em 1923 o mesmo que já se ensinava em 1920, em 1900. Temos de caminhar, de avançar, pois as descobertas por fazer são imensamente mais importantes que as perfeitas até agora".

A situação, no entanto, não nos parece desesperadora. Outros países sem grandes tradições de pesquisa, conseguiram elevar o nível da sua ciência, em algumas gerações, ao pináculo da fama, e assim falando, voltamos a nossa atenção para os dois colossos que se defrontam no momento: os Estados Unidos da América do Norte e a União Soviética. O primeiro, com a importação judiciosa de cientistas europeus, em poucas gerações, atingiu o pináculo da produção científica; o segundo, por meio de um sistema de contrôle estatal cujo mérito não nos cabe aqui julgar, em uma geração ou menos atingiram ou estão prestes a atingir pináculo equivalente. Talvez haja algum exagêro nessa afirmação, porque a Rússia fazia parte do sistema europeu e já tinha tido MENDELEIEFF e PAVLOV. Mas refiro-me aqui à possibilidade de atingir um pináculo, num número relativamente reduzido de anos ou de gerações.

O caminho a percorrer é ainda imenso. Os nossos instrumentos de amparo à pesquisa devem ser despersonalizados, deixando de constituir instrumentos dóceis, nas mãos de uns poucos que se utilizam deles para satisfazer a sua vaidade pessoal. O gôsto pela ciência deve ser desenvolvido no grande público e seria injusto silenciar o trabalho gigantesco desenvolvido pelo nosso companheiro dos primeiros dias da SBPC, o Dr. JOSÉ REIS, na "Fôlha da Manhã". O sistema de escolha de professôres deve ser modificado, de maneira a dar um pêso irresistível à vida pregressa do indivíduo e às suas realizações no campo da sua especialidade científica. Os estudantes deveriam encontrar tempo e incentivo suficientes, para realizar alguma coisa de cientìficamente aproveitável durante o período escolar ou na fase de pós-graduação.

O contrato de cientistas estrangeiros que estejam dispostos a compartilhar das nossas dificuldades, deve obedecer a um critério que não se afaste muito daquele utilizado por THEODORO RAMOS, nos primeiros anos da Universidade de São Paulo. Se relembrarmos os nomes de WATAGHIN, RHEINBOLDT, RAWITSCHER, ONORATO, FANTAPIÉ, podemos ter uma idéia do salto prodigioso que tais indivíduos podem propiciar ao desenvolvimento científico de um País.

Mas qual seria o papel de uma Sociedade para o Progresso da Ciência, na evolução científica de um País? Uma Sociedade dêsse tipo não pode, evidentemente, concorrer com os grandes órgãos de amparo à ciência, como o Conselho Nacional de Pesquisas e a CAPES. Ela mesma precisa ser amparada, na medida em que possa manter a sua independência de ação e de crítica. Ela deve representar como foi sugerido com propriedade para a Associação Britânica, o *parlamento da ciência*, onde os cientistas podem apresentar as suas críticas, os seus anseios e discutí-los numa base de interêsse coletivo, com os seus colegas de outras especialidades. Mas, sobretudo, a função de uma Sociedade para o Progresso da Ciência é fornecer os meios de comunicação e expressão entre cientistas e procurar estabelecer contacto entre êstes últimos e as forças vivas do País. Mormente, numa época de superespecialização, em que cada um se retrai no seu laboratório, confinado aos seus problemas especializados, é conveniente a existência de uma fôrça qualquer integradora, que restabeleça os contactos entre as diferentes especialidades. Para citar um exemplo, da era interplanetária, que parece prestes a superar a era atômica: com o interêsse despertado pela física e as suas grandes conquistas, há sempre um perigo de um desequilíbrio de interêsses quando todos os fundos disponíveis fôssem drenados para os reatores e os sputniks e os biólogos se vissem desamparados pela falta de interêsse de governantes e dos Conselhos de Pesquisa. É preciso, no entanto, salientar que todo êsse desenvolvimento tecnológico deve visar exclusivamente o bem-estar da humanidade.

Quando foram disparados os primeiros sputniks, a tendência de todos foi concentrar a sua admiração no prodígio da técnica que foi utilizadas para colocar o satélite artificial na sua órbita, mas na realidade, o que era importante no sputnik não era tanto o novo meio de transporte, mas a Laica, o primeiro habitante de um satélite artificial. Todos os detalhes de construção de qualquer veículo de transporte devem estar adaptados à idéia do homem. E assim também o maior objetivo da nossa Sociedade é a de estabelecer êsse contacto entre a pesquisa e o homem.

Nós, responsáveis pela organização da SBPC, não queremos passar pela môsca da fábula de LAFONTAINE, que voava em tôrno do côche subindo a ladeira, como se estivesse fazendo tôda a fôrça para vencer a subida da serra.

O que temos feito é simplesmente proporcionar aos jovens cientistas, o ambiente em que possam apresentar os seus trabalhos, com a maior liberdade de crítica e de discussão. O crescimento da Sociedade é um índice de que finalmente uma certa tradição científica pode-se ir estabelecendo no Brasil, mas os operários que constróem a SBPC são todos aqueles que comparecem às reuniões anuais. São os mesmos operários que constróem a ciência de amanhã, e só esperamos que venham a constituir, no futuro, aqueles homens de longas barbas brancas e cabelos encarnecidos na pesquisa, aos quais os nossos netos e bisnetos poderão recorrer, em busca de uma orientação para o desenvolvimento de uma ciência de boa qualidade que contribua para tornar o nosso País respeitado também nesse setor de atividades humanas.

C A D E R N O S S B P C

1 • Educação e Reforma do Ensino Superior

2• Ciência & Tecnologia e Desenvolvimento

3 • Biodiversidade e Clima

4 • Diversidade e Identidade Cultural

5 • Ciência de Fronteira, Inovação e Ética

6• Democracia e Políticas Públicas

7 • Fundação e Primeiros Movimentos 1948 • 1958